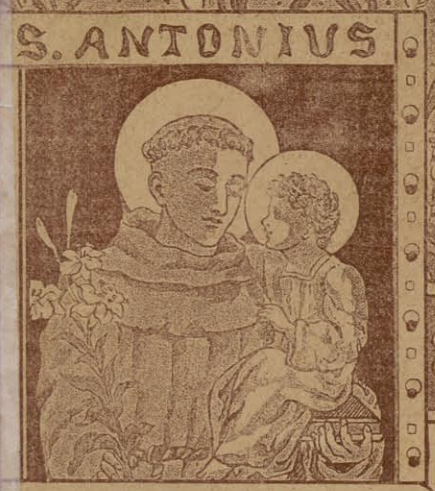


Si quæris miracula, Mors error calamitas Dæmon, lepra fugiunt, Ægri surgunt sani.

(S. Bonav.)

2.º ANNO — 1896
FEVEREIRO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO E DO PÃO DE S. ANTONIO E BOLETIM DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S., Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos.

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1896

O REINADO DAS TREVAS

M. Doumer em transformação. Ainda não foi d'esta. — Faz lembrar o camaleão. — Porque se não faz o mesmo por cá? — Infames parodias. — Um ministerio triangular. — Em logica são uns barras. — Confissões interessantes. — E' bom que se saiba. — O typo da franc-maçona. — A maçonaria e o socialismo. — A morte é o echo da vida. — Uma questão. — Uma objecção. — E' a proverbial modestia... — Corrupção da infancia. — Agradecimento.

M. Doumer em transformação. — Annuncia *La Vérité* que Doumer, ministro da Fazenda na republica franceza, subiu de posto na *chafarricada*. Coitado, deixou de ser mestre para se transformar em rosa-cruz. Parece que o ministerio francez possue algumas d'estas rosas; pena é que em vez de rosas não sejam *flores... de canico*. Não seriam tão bellas, mas seriam menos prejudiciaes.

Na loja *Etoile Polaire*, onde teve logar a pantomima, houve muitos *housé! housé!*, muitos bufos e abanadelas. Com tão bellos exercicios póde a França estar socegada que o Irmãosinho... Doumer ha-de conservar o orçamento em perfeito equilibrio.

Ainda não foi d'esta. — A Porta Pia de Genova é encimada por uma imagem da Santissima Virgem; ora os franc-mações tem tanto amor a Nossa Senhora, como o diabo á cruz: e, por isso, os membros da camara que fazem parte das lojas, propozeram que se arruinasse a Porta Pia, com o fim de ultrajar nossa Mãe Santissima. Procedeu-se á votação, mas os membros da camara votaram em grande maioria contra os sectarios. São 49 os membros da camara, e contra a impia proposta votaram 30! Nunca as mãos lhes dôam áquelles bons catholicos.

Faz lembrar o Camaleão. — Dizem que o Camaleão toma todas as côres. O governo francez faz lembrar o tal bicharoco: é judeu, protestante, mussulmano, ... emfim tudo o que a gente quizer. Agora, diz o *Reveil des Vosges*, deu 5:000 francos aos judeus de Senones, para fazerem as reuniões da sua seita. Provavelmente é para recompensar os serviços de alta traição que teem levado a effeito os refolhados judeus.

Porque se não faz o mesmo por cá? — Uma das difficuldades em que se encontram as emprezas catholicas é a falta de pessoal, em que predomine o espirito essencialmente christão; porque, faltando isso, ou as cousas não progridem, ou encontram guerra que parece ser de irmãos e que não é senão de inimigos, que são verdadeiros lobos com pelles de ovelhas.

N'este ponto conta a franc maçonaria, em sua chronica negra, proezas sem numero. Para evitar este inconveniente, a *União anti-maçonica de França* vai fazer um catalogo de todos os franc-mações influentes, para que nenhum d'elles seja admittido em qualquer empreza catholica. Será impresso em fórma de folheto e distribuido pelos catholicos nas proximas eleições municipaes.

A *União* publicou nos jornaes que, além d'aquelles cujos documentos se possuem, seriam inscridos no catalogo: 1.º Os franc-mações que offerecessem seus nomes, com documentos authenticos, que provassem sua entrada na seita. 2.º Não seriam inscriptos os que provassem que tinham sahido, ou tinham sido excluidos. 3.º Aquelles cujas familias apresentassem certidão do fallecimento, não seriam tambem inscriptos.

Ora ahi está um livro, cuja utilidade seria incalculavel entre nós; e, porque se não ha de fazer o mesmo por cá?

Infames parodias. — Já que fallamos no Rosa-Cruz, como hão de ter lido na iniciação d'este grau maçonico, conferido a Doumer, vá lá uma cousita a titulo de curiosidade, que isto não vai a matar.

Quando o *Cavalleiro do Oriente* entra no Capitulo, para receber a iniciação do *Rosa-Cruz*, collocam este no Occidente, para imitar a Egreja, visto que o que vai receber o baptismo deve ficar na parte occidental, onde o sacerdote vai receber.

Na loja onde é iniciado o rosa-cruz, diz João Kotska, ha tres mysterios luciferianos, o J. N. R. J., o mysterio da *Rosa-Cruz* e o *signal do Bom Pastor*.

O mysterio J. N. R. J. é uma parodia do signal da cruz; porque, assim como os christãos se reconhecem pela cruz, sendo essa a sua arma, e com ella se defendem, quando, benzendo-se, dizem: *Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo*; assim tambem os rosa-cruzes se reconhecem pela palavra mysteriosa *Inri*. Esta palavra significa I(u) N(omine) R(egis) I(uferni), que em portuguez quer dizer — *em nome do rei do inferno*; protestando, com semelhante palavra, que são servos do diabo. Que infamias, santo Deus!

Ha dias, dizia-nos um nosso amigo:

— Ora não sei que noto em F..

— Que ha-de notar, é, no fim de contas, um homem como os outros, respondemos nós.

— Sim, mas como elle é franc-maçon, e talvez por eu saber que o é, noto-lhe um rosto sinistro, diabolico; emfim horrorisa-me, quando o vejo; e não lhe quero mal, pobre homem, nunca me fez mal: e, se fizesse, perdoava-lhe, porque sou christão.

— Que dirá agora o nosso amigo, quando ler o signal da cruz dos franc mações? E, que dirão a isto, os franc mações, que dão seu nome, tão honrado talvez por outros motivos, a uma seita tão infame?

Deus Nosso Senhor lhes abra os olhos!

Um ministerio triangular. — A respeito de triangulos, não ha como a França actual; aquillo é um verdadeiro diluvio. Por este andar podem as outras nações acabar com a industria que fornece taes objectos. De onze ministros que dirigem *a nação christianissima*, só nove teem a distincta honra de ostentar em seu abdomen sobresaliente o areado triangulo de metal amarello.

— Mas para que trazem elles os taes triangulos, perguntará algum leitor?

— E' porque são franc-mações; e os da tal suecia trazem uma fita ao pescoço, assim a modo de coleira; e na tal fita, a modo de guizo está pendurado um triangulo.

O caso é que, na occasião em que tomou posse do poder, o presente ministerio, houve nas lojas francezas *descargas de baterias* que foi um bota fóra.

— Mas, dirá algum dos nossos leitores, como é que soube tudo isso.

— Ora ha lá nada que se não venha a saber, mais cedo ou mais tarde?

Virá tempo, e não está longe, em que tudo se descubra; e então cahirá a maçonaria. E' esta a historia das heresias. O erro é assim; nasce, desenvolve-se, cresce, lucta, attinge o seu maior desenvolvimento: e, então, ou cahe elle ou a verdade. Mas a verdade é immutavel como Deus.

Por isso, fica Deus e a sua obra!

E o demonio e os seus sequazes não prevalecem!... O erro, que não tem razão de ser, deixa de existir.

Em logica são uns barras. — Os franc-mações gostam de ser lobos, mas não gostam que lh'o chamem. Ora porque será? Pertencem á maçonaria, chegam a fazer d'isso gala; mas, depois, não gostam que os apontem como taes. Se a maçonaria é boa, porque se zangam, quando lhes dizem o que são; e, se é má, porque pertencem a ella?

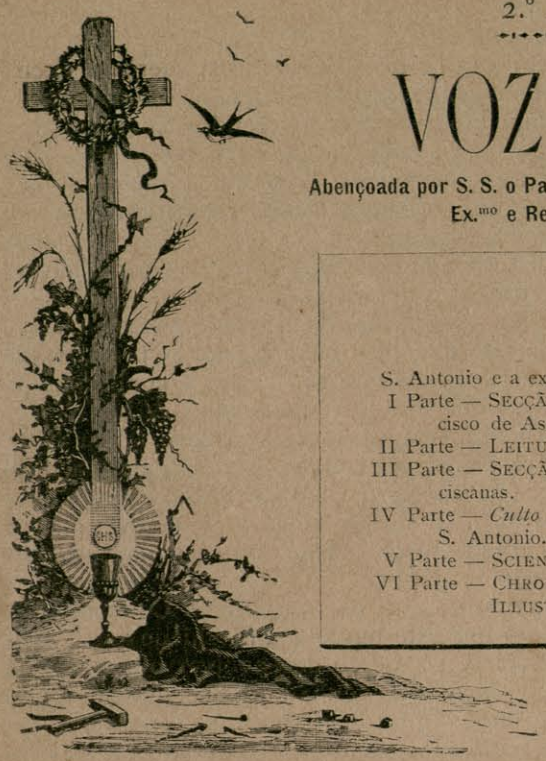
Mas é engraçado. Em França os jornaes catholicos publicam listas dos franc-mações; alguns, apesar dos documentos comprovativos, chamam os jornalistas aos tribunaes, por diffamação. E, ás vezes, esses jornalistas são condemnados por juizes franc-maçoes.

Mas condemnados por que crime? Por terem chamado franc-maçon a um cidadão francez, dizem os juizes. Logo é porque ser franc-maçon é cousa má e injuriosa. E' e.

Mas quem devia ser condemnado, quem é que devia ser condemnado, o franc-mação, ou aquelle que com verdade lh'o chama?

Que logica! Depois dizem que são sabios e sapientissimos. Faz lembrar o caso do *Alho*. Gabava-se o tal alho, que

2.º Anno—N.º 14—FEVEREIRO 1896



VOZ DE S. ANTONIO

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Ex.mo Nuncio de S. S., Ex.mo e Rev.mo Arcebispo Primaz e Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos

SUMMARIO

S. Antonio e a expedição á Africa.
I Parte — Secção doutrinal: A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco de Assis — Vida de S. Lucio, primeiro Terceiro. — Culto de S. José.
II Parte — Leituras recreativas: O que crê o meu cura — Pensamentos — Anedoctas.
III Parte — Secção historica: Historia de S. Antonio de Lisboa.—Echo das missões franciscanas.
IV Parte — *Culto de S. Antonio:* Chronica da Pia União e do Pão dos Pobres. — Graças de S. Antonio.
V Parte — Sciencias e lettras: A Usura. — Visão celica (soneto).
VI Parte — Chronica universal. — Varia: Bibliographia.
Illustrações: Musaico de S. Maria Maior. — S. Antonio.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

S. Antonio e a expedição portugueza em Africa

Teem-se enchido as folhas dos jornaes com louvores aos nossos bravos expedicionarios, que mais uma vez firmaram os nossos creditos de valor e brio militar. Fizeram-se-lhes festas no seu regresso, levantaram-se-lhes arcos de triumpho, houve expansão de regosijo, de toda a sorte, e, louvores a Deus, não faltaram as devidas graças ao Altissimo. Nem ficaram envolvidos na mortalha do esquecimento ingrato os tristes que lá deixaram em Africa a vida pela integridade da Patria, ou que vieram exalar o ultimo suspiro já nas raias da mesma Patria, mas que por ella morreram egualmente.

Tudo isto foi justissimo, e o contrario seria ingratidão.

Cabe-nos tambem a nós o dever de levantar um brado de louvor a esses bravos que, desafiando perigos, vencendo tormentas, cortando difficuldades de todo o genero, souberam sustentar bem alto o brazão das Quinas, e testemunhar ao mundo que os portuguezes d'hoje, que dominam a Africa, são da mesma tempera dos que outr'ora a conquistaram, como o Portugal de hoje é o mesmo de ha 3 seculos.

Mas, seja-nos licito uma simples observação que não offenderá ninguem, nem mesmo, estamos certos d'isso, o brio dos nossos valentes militares.

Os feitos operados em Africa pelas tropas portuguezas foram, por sem duvida, extraordinarios.

Para um feito grandioso e extraordinario concorrem sempre, como é natural, cousas proporcionadas, isto é extraordinarias. E quaes foram estas cousas? Não foi decerto o numero superior dos nossos. Não foram as condições do clima que os bafejava. Não foram as provisões de guerra e de bocca que sempre lhes fossem ministradas a tempo e em optimas condições, o que era impossivel n'aquellas paragens. O inimigo estava bem armado; faltava-lhe, é verdade, a disciplina que não seria tão perfeita como a dos nossos. O valor, o arrojo levado até á imprudencia revelaram-no elles muitas vezes.

Estará pois a causa das nossas victorias na pericia dos nossos e no seu valor?

E' nossa humilde opinião que ahi se deve encontrar mas não sómente ahi.

Ninguem nos tachará de supersticiosos se dissermos que S. Antonio combateu com as nossas tropas em Africa, no anno do seu centenario, como tantas outras vezes foi visto combater em Portugal á frente dos nossos exercitos.

Elle é o General em Chefe do exercito portuguez, e Portugal inteiro no anno de 1895, manifestou que tinha veneração e amor pelo seu primeiro soldado e indefesso protector.

Nada mais natural que S. Antonio querer visivelmente ser grato para com o povo que se lhe conservou fiel, defendendo os seus filhos e protegendo as suas armas nas longiquas paragens da Africa, que elle mesmo, por si e por seus irmãos, na Religião que professou, ajudou a engastar na coroa portugueza.

E' esta a nossa humilde e piedosa opinião que nos não parece inverosimil. Por isso, no meio dos hosannas que se teem entoado ao Altissimo, como causa prima de todas as graças, no meio dos vivas e das acclamações aos nossos bravos soldados que combateram em Africa pela integridade da Patria, parece-nos ter logar tambem um solemne *hosanna* e um *viva* triumphal ao Generalissimo das tropas portuguezas, o Grande Santo Antonio de Lisboa!

Quem o duvida? Quantas vezes não terá elle sido invocado por esses filhos do povo crente lá

nas campanhas da Lybia, sobre tudo ao saberem do enthusiasmo com que o Santo portuguez era acclamado na mãe patria! E as mães que viram partir seus filhos, depois de os haver apertado contra o seio e banhado de lagrimas, se ainda lhes restava alguma esperança de os tornar a ver; em quem deporiam esse ultimo raio de esperança, a quem confiariam esse pedaço da sua alma senão ao Santo dos Milagres?

São estes os fundamentos da nossa opinião que amamos transmittir ao publico, afim de que mais esta graça de S. Antonio não passe desapercebida, e cada vez mais se aforvore a devoção e a confiança n'aquelle que tão poderoso é perante o Dispensador Supremo de todas as graças, assim aos individuos como ás nações.

Secção doutrinal

A Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco d'Assis

Aos Reverendos Commissarios da Ordem

Em o numero anterior começamos a tratar d'esta grandiosa obra, e, a breves traços, como era necessario, tocámos a sua utilidade, conveniencia e *necessidade*.

Dissemos e provamos que o Papa *quer* ver florescer a Ordem Terceira em toda a parte, porque é por ella que elle espera regenerar o mundo: «disse e repito, diz Leão XIII, e não cessarei de o repetir: *a minha reforma social é a Ordem Terceira*, no seu verdadeiro espirito.»

Mas, é aos reverendos Commissarios da Ordem Terceira que compete realisar os desejos do Santo Padre. São elles que teem a Ordem na mão. São elles os que teem a obrigação de explicar a sua regra aos que a desejam abraçar, e de lhes communicar o espirito de S. Francisco, vivo na regra de Terceira Ordem. E' dos reverendos Padres Commissarios que se espera o zelo na propagação da mesma Ordem, e sobretudo o cuidado de que todos os terceiros que estão debaixo da sua jurisdicção observem fielmente o que prometteram guardar.

Não podem, porém, os Terceiros guardar a sua regra fielmente, não obstante toda a sua boa vontade, ignorando-a; foi por isso que nós emprehendemos explicar esta regra e as demais obrigações na *Voz de S. Antonio*.

Julgamos por este meio alliviar, em grande parte, o onus dos reverendos Commissarios; pois que não terão mais do que fazer conhecer aos terceiros da sua obediencia a *Voz de S. Antonio*, a fim de que a leiam e estudem n'ella as obrigações, aliás faceis e breves, que voluntariamente assumiram, por amor a Deus e das suas proprias almas.

Com este intuito enviámos numerosos exemplares do *Supplemento á Voz*, publicado em dezembro ultimo, aos mesmos reverendos Commissarios, a fim de os distribuirem pelos Terceiros das suas jurisdicções respectivas. Esperamos que os zelosos Commissarios o hajam feito, pois tratava-se dos seus proprios interesses.

Como no alludido supplemento se dizia, haverá muitos irmãos terceiros aos quaes não é possivel tomar uma assignatura da *Voz* por sua conta.

Isto não deve ser motivo para se privarem da leitura e explicação da sua regra, e conhecimento das graças que lhes são concedidas. A boa vontade, auxiliada pela caridade que deve reinar entre os irmãos terceiros resolvem perfeitamente a difficuldade. Se um irmão não pode tomar uma assignatura da *Voz*, podem dois, tres, quatro ou mais juntos. D'esta sorte o resultado é o mesmo, e as graças não se perdem.

Esperamos que os reverendos Commissarios resolverão por este modo a difficuldade que a muitos embaraça, e saberão desenvolver o seu zelo na obra que lhes está confiada. Desenganem-se: se desejam fazer algum bem social, se esperam ver a virtude praticada pelas massas, appliquem-se a fazer conhecer e a desenvolver a Ordem Terceira; façam com que o povo, abraçando a regra de Francisco de Assis, que foi feita para o povo, se compenetre do seu espirito, que é o verdadeiro espirito social christão.

Para commodidade dos reverendos padres Commissarios vamos offerecer-lhes uma breve explicação da Regra da Ordem Terceira, em todos os seus capitulos e paragraphos.

CAPITULO I

Da Recepção á Ordem, Noviciado e Profissão

§ I

Não se acceita na Ordem Terceira nenhum membro que não tenha 14 annos de edade completos, que não seja de bons costumes, amigo da paz, firme na profissão da fé catholica e de provada reverencia e amor para com a Sé Apostolica e Egreja Romana.

Com summa prudencia prescreveu o Romano Pontifice que ninguem seja admittido na Ordem Terceira, sem a nota de bons costumes, amigo da paz e da concordia, e de provada affeição á Sé Apostolica.

Sobre este ponto devem convergir as suas attenções os reverendos padres Directores ou Commissarios, os mestres e as mestras de noviços, se verdadeiramente teem a peito o fim proposto pelo Seraphico Patriarcha e pelo Summo Pontifice Leão XIII. Os Terceiros devem ser o exemplo e o modelo por onde os demais christãos, componham a sua vida; e do mesmo modo que a regra que professam é a pratica da pureza evangelica assim as suas acções devem ser a copia fiel das de Jesus Christo.

E como poderiam elles desempenhar por outra forma a grande missão que lhes está confiada por S. Francisco e pelo Papa, de reformar a sociedade, conduzindo-a para o recto caminho?

E', alem d'isso, obrigação dos Terceiros constituir um exercito compacto e formidavel para sustentar as luctas da Egreja, e levantar uma barreira á torrente invasora dos males que de toda a parte a assaltam. Gregorio IX costumava chamar-lhes os *novos Machabeus* e Mons. de Ségur dizia: «*A Ordem Terceira é para a Egreja o que a Maçonaria é para a Revolução.*»

Mas é impossivel conseguir este empenho, sem mutuamente se fortificarem com os laços da caridade, apertando mais e mais os seus vinculos entre si, e se ao mesmo tempo os não excitar á peleja o amor ardente pela causa da Santa Egreja e do Supremo Pastor.

Attendam, portanto, os Discretos ou Definidores da Ordem e os reverendos Directores ou Commissarios a que não sejam admittidos n'ella pessoas de pouca piedade, e muito menos escandalosas, que não teem espirito algum nem de Deus nem de S. Francisco.

Não raras vezes acontece que o desejo de augmentar o numero dos membros da Ordem, é causa de se admittirem indistintamente os menos dignos; isto não é zelo de edificar, é vaidade que somente destroe.

E' immenso o damno que causa um membro indigno n'uma corporação d'esta especie. O seu mau exemplo corrompe os collegas. Enfraquece os laços da caridade com as desordens e partidos que levanta, e termina por desacreditar toda a communidade, fazendo recahir sobre ella os defeitos que são culpas de um só.

Que bem podem fazer aquelles individuos que vão receber o habito, sem conhecimento do que praticam, alliciados apenas pela esperança de poder lucrar algumas indulgencias, ou aufruir outras commodidade temporaes, com a expressa determinação de continuar no mesmo teor de vida mundana que d'antes seguiam?

Que fructo se pode esperar d'aquellas cabeças vãs que levianamente se alistam na Ordem Terceira só por verem os demais alistarem-se tambem, e depois com a mesma desinvoltura e facilidade frequentam as reuniões da Ordem e os bailes, a Egreja e o theatro?

E já não fallamos d'aquelles que, com o habito de S. Francisco vestido, não coram de ler jornaes e romances de todas as côres e sabores; não se pejam de soltar a sua phrase *espirituosa* mas cheia de irreverencia contra os ministros sagrados, as cousas santas e ás vezes até contra o Romano Pontifice ou seus representantes os Bispos. Tudo isto é obsolutamente contrario ao espirito christão e directamente opposto ao espirito que se professa na Veneravel Ordem Terceira da Penitencia. Deus louvado, são raros estes casos, mas dam-se e podem repetir-se; por isso aqui fica stigmatisado este vicio, e apontado aos reverendos Directores das Confraternidades para que sobre elle vigiem e o guerreiem, como diametralmente opposto ao primeiro capitulo e paragrapho da Regra da Ordem Terceira.

§ II

Que as mulheres casadas não sejam admittidas na Ordem Terceira, sem o consentimento de seus maridos, excepto no caso em que o confessor julgar prudentemente o contrario.

A mulher está sujeita ao seu marido. Por isso, ainda que a observancia da regra seja perfeitamente compativel com as obrigações domesticas, poderia acontecer que o marido prohibisse á esposa alguns actos que lhe são impostos pela Regra, ou pela sua pouca religião lhe fizesse guerra pelas praticas religiosas que na mesma Regra se preceituam. Para evitar estes inconvenientes, o Romano Pontifice estabeleceu, com summa prudencia, que a mulher casada obtenha o consentimento de seu marido, expresso ou tacito, antes de vestir o habito da Terceira Ordem.

O Romano Pontifice, porém, não querendo privar de um tam grande thesouro de bens espirituaes um grande numero de almas pias que teem a infelicidade de viver unidas a consortes perversos, dá plena liberdade ao confessor para dispensar em taes casos.

Decidir, porém, quando convenha usar de tal faculdade é cousa que toca ao juizo prudente do Director ou Commissario, o qual poderá ser indulgentissimo com aquellas almas ás quaes vir que a Ordem Terceira será de grande bem espiritual. Pelo contrario, com aquellas que se acham menos constantes na pratica da virtude, menos inclinadas ao espirito de piedade, de modo que deixassem duvidar sobre a sua firmeza, o director não será tam facil em conceder o habito sem a licença expressa de seus maridos,

§ III

Os irmãos e irmãs da Ordem Terceira tragam o escapulario ou bentinho e o cordão, como é costume. E se os não trouxerem não gosam dos privilegios e direitos que lhes são concedidos.

Todos sabem o que é um escapulario ou um bentinho. Resta-nos apenas dár algumas explicações, aliás bastantes vezes repetidas e ensinadas pelas Sagradas Congregações Romanas.

1.º — Em primeiro logar a *materia necessaria* é a *lã*. Isto é, o bentinho dos irmãos terceiros não pode ser de linho de estopa ou de qualquer outra materia senão de *lã*.

2.º — A lã pode ter *qualquer* côr, mas *convem* que seja de côr escura, parda, cinzenta, ou côr de café.

3.º — Não é necessario que os bentinhos tenham alguma imagem do Seraphico Patriarcha, ou qualquer outro emblema.

4.º — As dimensões dos escapularios são arbitrarias; é sufficiente que tenham as dimensões dos de Nossa Senhora do Carmo etc.

5.º — Os nastros ou fitas que suspendem os dois pedaços de lã podem ser de qualquer materia e côr.

6.º — Devem trazer-se pendentes ao pescoço, uma parte sobre o peito e outra sobre as costas; e não mettidos em relicarios, bolsinhas etc. como algumas pessoas usam.

O Cordão. Este pode ser de qualquer materia: linho, lã, algodão etc., mas não convem que seja de sêda ou materia preciosa.

Emquanto ao tamanho do cordão basta que dê uma volta á cinta. Deve trazer-se á cinta e não de qualquer outra maneira; mas não é necessario trazer-se immediatamente sobre a pelle; pode, e convem, bem como os bentinhos, trazer-se sobre a roupa inferior.

Tanto o cordão como os bentinhos devem trazer-se sempre, dia e noite, sob pena de se não lucrar as indulgencias, salvo se o confessor ou Director da Ordem concederem licença, existindo causa razoavel, para se tirarem durante a noite.

N. B. — Só é necessario benzer-se o primeiro escapulario e o primeirc cordão. Inutilisados estes, deve o irmão terceiro procurar outros e pol-os, sem necessidade de os mandar benzer.

(Continua).

Advertencia. — Da melhor vontade nos promptificamos desde já a dar na Voz qualquer esclarecimento sobre a Ordem Terceira, que nos seja pedido assim pelos reverendos Commissarios, como por qualquer irmão terceiro.

Santo Protector para o mez de março

S. José, Protector da Igreja Universal a 19 d'este mez.

Absolvição geral

Os irmãos Terceiros podem-na receber no dia 19, festa de S. José.

Indulgencias que podem lucrar

Plenarias. — Uma em qualquer dia do mez, á escolha dos irmãos Terceiros.

No dia 5 — S. João José da Cruz, da 1.ª Ordem.

6 — Santa Collecta, Virgem da 2.ª Ordem.

9 — Santa Catharina de Bolonha, Virgem da 2.ª Ordem.

19 — S. José, Esposo de Nossa Senhora.

Parciaes. — No dia 15 — Quarto Domingo da Quaresma, 15 annos e 15 quarentenas.

Virtude a imitar

Procurar que a paz reine sempre na familia.

Maxima espiritual de S. Francisco

Se o corpo toma socegadamente o alimento material que depois com elle será pasto dos vermes, com quanta maior paz e tranquillidade deverá a alma receber o mantimento da vida, Deus, que na oração bem feita familiarmente a ella se dá.

VIDA DE S. LUCIO

PRIMEIRO TERCEIRO DE S. FRANCISCO

CAPITULO II

Perfeita conversão de S. Lucio

Com ter mudado de domicilio e escolhido uma profissão mais tranquilla, não se tinha ainda assim renovado completamente o espirito e a alma de Lucio. O homem que por longo tempo viveu sob o dominio de ruins paixões, por mais forte que seja a sua boa vontade, não póde, de repente, mudar completamente de rumo, triumphar desde logo de um habito inveterado, despojar-se dos affectos terrenos e inflammar-se de caridade viva e ardente. Ah! não é n'um dia que o coração se muda. O homem é facil em cair, diz S. Agostinho, mas não se levanta se não fôr poderosamente auxiliado pela graça de Deus. Elle mesmo o tinha experimentado. Quantas vezes não foi elle chamado á luz da verdade, á santidade da vida, e quantas não recaiu nas trevas da culpa!

Similhantemente Lucio houve de passar pela lucta da carne contra o espirito; e apesar da sua primeira victoria com a qual conseguira. vencer o espirito guerreiro que o dominava, e suffocar o orgulho e a ambição, quasi sem se aperceber, estava para ser victima de um outro perigo: a ser vencido pela sêde do ouro.

Homem de extraordinaria actividade, de intelligencia não vulgar, de agradavel aspecto, de maneiras affaveis e nobres, n'um paiz rico e cheio de movimento e de vida, era-lhe facil penetrar no templo da fortuna. Estabeleceu-se primeiro no commercio, depois abriu casa de cambio, esperando com esta industria adquirir lucros vantajosos. As aguas d'este pelago, escreve um antigo historiador, pareciam-lhe doces e puras, mas na realidade eram insulsas e amargas, admirava a sua transparencia limpida, mas não previa a procellosa tormenta que n'ellas se havia de levantar; e assim, pouco a pouco, se ia submergindo no abysmo, se a luz celeste lhe não houvesse descoberto a tempo o horror do precipicio.

Com effeito, por entre o continuo labutar pelo engrandecimento da fortuna terrena, transluzia-lhe na alma de quando em quando um raio de luz que lhe revelava o perigo eterno. A voz da consciencia não estava muda, nem elle, felizmente se tornára surdo para a escutar. Afinal, a graça triumpha e Lucio convenceu-se de que similhante modo de vida escondia um laço armado subtilmente pelo demonio. Desejando, pois, evitar o peccado e cor-

responder á graça do Senhor, que já operava com maior efficacia na sua alma, resolveu abandonar o ramo de negocio a que se entregára e occupar-se em outro mais licito e honesto. Escolheu o seguinte: armazenar grandes quantidades de cereaes para revender mais tarde por preços mais elevados muito embora fossem os da praça. Parecia-lhe a principio este lucro honestissimo, como na realidade era, mas ainda assim o seu coração não vivia tranquillo. Ainda habitava n'elle o desejo de enriquecer, que o fazia pensar dia e noite no modo mais apto de o realisar; e por isso mesmo no seu coração não tinha ainda entrado o amor e a compaixão para com os pobres. Signal evidente de que ainda não estava n'elle extincto o amor da riqueza, ou melhor, o sentimento da avareza, era o desejo que sentia de que viessem tempos de carestia para despejar, a grande preço, os seus armazens.

Mas a graça divina, que segundo S. Agostinho, illumina, chama, abraza e arrebata, revelava-lhe claramente os perigos da mercancia a que se entregava e os damnos a que se expunha, a avareza e a falta de commiseração para com os infelizes, as insidias do infernal inimigo; e tão vivamente a graça o illuminou e commoveu que finalmente rendido, chorou os seus desvarios, obedeceu ás inspirações celestes, abriu todo o coração a Deus que por tantos meios o chamava á peniten-

MOSAICO DE S. MARIA MAIOR

cia; e, postos de parte todos os negocios mundanos, deliberou firmemente servir unicamente a Deus.

Estava, por fim, completamente convencido que as riquezas teem espinhos pungentes, que o amor d'ellas impede e destroe os bellos fructos das virtudes christãs, e com tão pesada carga não se entra pela porta do Ceu.

Mudado inteiramente em outro homem, entregou-se ao retiro e á oração. Frequentou mais a igreja e a palavra de Deus; o seu coração abriu-se compassivo aos pobres e infelizes, e começou a lançar os fundamentos da sua futura perfeição e santidade. E na verdade, foi tão sincera e perfeita a sua conversão que, vendidos todos os bens, com consentimento da sua digna consorte, adquiriu um pequeno terreno, que cultivava com suas mãos, donde retirava o necessario para a sua subsistencia e para soccorrer os pobres. Tudo o mais offereceu ao seu Deus, distribuindo-o pelos necessitados: *omnia ad pedes Domini et egenorum promptus affectu et opere projecit.*

Desde este momento o seu coração desligou-se completamente das cousas da terra, entregou-se inteiramente aos louvores do seu Senhor, ao cuidado da propria salvação e a soccorrer as miserias do proximo á custa de penosos sacrificios.

Aqui teve principio a vida nova de Lucio, vida de amor, vida de caridade, de abnegação e de continuos sacrificios, donde partiam novos affectos, novos desejos e novas doçuras ineffaveis. Porque assim como o mundano ama, procura e se affadiga pelas cousas da terra, assim quem vive do amor de Deus, só a Elle eleva o seu espirito; só a Elle se une, só n'Elle repousa porque é Bem Infinito.

S. Lucio, ardendo em vivissimo zelo, e querendo de alguma sorte corresponder á bondade divina, fez-se tudo para todos, afim de ganhar a todos para Jesus Christo. E, com o seu desprezo pelas vaidades terrenas, com paternos conselhos, com os exemplos de virtude, a todos excitava á observancia dos preceitos evangelicos á santidade da vida. Por esta fórma reparava os desvarios da

edade jovenil; e tanto foi o bem que operou para gloria da Religião e vantagem da sua patria, que pôde repetir, junto ao termo de seus dias, a palavra de S. Paulo, que a graça do Senhor não tinha ficado n'elle ociosa.

(Continua.)

Leituras recreativas

O que crê o meu cura

SENTADO ante um escriptorio abarrotado de livros, papel e objectos d'arte, estava a corrigir provas de imprensa, um homem, jovem ainda, andaria ahi pelos seus trinta annos.

Estas provas eram as d'um discurso pronunciado na vespera, na distribuição de premios aos estudantes do lyceu da cidade d'A... onde este jovem era professor de philosophia.

Era seu nome Julio Fournier, sua vida havia sido romanesca, seu destino singular. Julio nasceu no começo do reinado de Luiz-Filippe.

Sua mãe occupava-se em negociar com aves domesticas e peixe. Era uma mulher mui singular a rechonchuda senhora Fournier! Mil cautelas e reparos ainda eram pouco, para quem tractava com ella; porque, sagaz, intelligente e mal humorada, em tudo reparava, e de tudo colhia motivos de desconfiança.

Tinha tres defeitos, cada um dos quaes de per si já era muito: era d'um caracter violento; maldizente de officio; e inimiga figadal da Religião e dos padres.

Mas d'onde lhe veiu este odio?...

Não no sabemos; mas que o tinha, e entranhavel, e furibundo, isso sabemos.

Esta era a *bem acondicionada* mãe do nosso jovem professor. Era filho unico, e quasi que não chegou a conhecer seu pae. O bravo cavalheiro finára-se de pezar, quando Julio mal contava tres primaveras.

No meio de todos os seus vicios, a senhora Fournier, conservava ainda uma virtude, ou pelo menos, coisa que com isso se parecia: amava ardentemente seu filho, mas lá a seu modo, como havemos de vêr.

Até aos cinco annos conservou o filho em casa, cercando-o de afagos, e prodigalisando-lhe os mais ternos cuidados maternaes. E Julio era d'elles crédor, porque sua compleição era delicada e debil.

Aos cinco annos o menino evidenciou seu raro talento, aprendendo a lêr, sem que se soubesse como — tão facilmente aprendera! A senhora Fournier viu que estava chegada a hora de o pôr na escola.

— Eu sou bastantemente rica, para lhe proporcionar uma educação intellectual, que vá até além dos vinte annos, dizia ella a sós comsigo em tom de contentamento; eu quero que meu filho seja um sabio.

Mas em que instituição seria o menino instruido?

A senhora Fournier queria, a todo o transe, uma instituição onde se não fallasse de religião.

Para isso procurou por toda a parte, inquiriu, interrogou, mas debalde: ninguem lhe pôde indicar uma escóla athêa. N'aquelle tempo ainda não eram moda as escólas neutras.

A' falta de coisa melhor, a senhora Fournier converteu seus olhares para um professor particular, que passava por voltaireano de gemma; — que não lhe era nenhum aleive, nem phrase opprobriosa tampouco.

A boa da mãe entrou á presença do velho professor, tendo o filho da mão.

— Aqui tendes o meu pequeno, disse ella. Quero que me façaes d'elle um sabio. Capacidade não lhe falta, ávante!... O que a creança de vós quer é a instrucção, mais nada; quanto a mim, ficae sem cuidados, pagarei tudo o que fôr mister. Sómente quero, — tomae bem sentido — que lhe não falleis de religião. Todos esses estudos e velharias o que fazem é perder tempo ás creanças, encasquetam-lhes ideias tolas, delirios febris, que as aparvalham. E emfim, demais sei eu o que valem os padres.

M. Cournot, o professor de espirito forte, estava d'accordo com a senhora Fournier. Comtudo, para seu interesse proprio, dava logar, um bem pequeno logar, ao ensino religioso. Era, dizia, uma concessão necessaria e indulgente á loucura dos paes.

— Minha senhora, respondeu elle, nada de receios; não se fallará de religião ao vosso filho, senão o absolutamente indispensavel.

— Não senhor! de religião nem uma palavra, retorquiu a mãe, é esta uma condicional impreterivel.

— Mas, senhora, eu não posso admittir no meu collegio um estudante que não professe culto algum. Aliás, susceptibilisarei certos paes.

— Pois bem! o meu filho vem commigo, e em minha propria casa receberá a instrucção.

Cournot passou a mão pela fronte; era-lhe custoso vêr partir este educando: afagava a esperança de o conservar por muito tempo, e sua mãe promettia pagar tão exhuberantemente!...

— Ora esperae, senhora, veio-me agora uma ideia que... Ha bem poucos protestantes n'esta cidade; d'esse culto não frequenta o meu collegio nenhum estudante; poderiamos dizer que vosso filho é protestante, e ficaria d'esta feita dispensado de todo e qualquer culto religioso.

— Estou por isso! acudiu a mãe. E' boa ideia devéras! D'oravante, só por fazer pirraça á padralhada, declararei aos quatro ventos que sou protestante.

O impio pacto foi escrupulosamente observa-

do. Durante o curso, M. Cournot não dispensou nem um momento sequer, para fallar de religião ao seu discipulo.

Jámais houve infamia tão fundamente degradante, tão cruelmente perniciosa. Julio era visivelmente feito, mais que qualquer outro, para levar a cabo o sublime destino do homem, que o cathecismo resume n'estas palavras simples e profundas: conhecer, amar e servir a Deus. Tinha uma alma meditativa, melancholica, e ao mesmo passo generosa, ardente, amante do bello.

Sua mãe deixou-o cursar doze annos o collegio, aonde o tinha ido levar pela mão tão no verdor dos annos ainda.

Seu ardor pelo trabalho não foi desmentido um só dia. Os resultados mais brilhantes vieram coroar seus esforços. Aos dezoito annos, depois de triumphos escolares inauditos, Julio era bacharel em lettras e sciencias, e foi um dos primeiros a quem a Escóla Normal abriu as suas portas. Tres annos depois, foi nomeado professor de philosophia no lyceu d'A...

Julio tinha então 21 annos. Sobredourava-lhe o talento uma avultada fortuna. Estava só no mundo.

Sua mãe morrera, ferida d'uma apoplexia, entre paroxysmos de colera. Expirou com a ameaça nos labios, e o rancor no coração. Toda a cidade viu, n'aquella morte espantosa, um tremendo castigo de Deus.

Seria o nosso jovem philosopho sem fé, virtuoso como o poderia ser, se a religião lhe tivesse orientado suas excellentes qualidades? Não, decerto. Onde não ha fé, ahi a natureza privilegiada se derranca e vicia.

Julio era ambicioso e amante apaixonado do prazer.

No correr dos primeiros annos do professorado, a torrente do prazer, arrastando-o, suffocou-lhe algum tanto a ambição. Gosar da vida no sentido terreno, epicureo, da palavra, tal foi o lemma de Julio durante cinco annos.

Mas esta alma era demasiado elevada para não sentir fastio das coisas sensuaes. Veio-lhe o fastio, que a pouco trecho se converteu em desgosto implacavel, e de envolta com o desgosto accommetteu-o uma especie de furor orgulhoso. Julio sentiu que se tinha aviltado, bestialisado; ficou horrorisado de si mesmo.

— Não, disse elle lá comsigo, o prazer não é, não póde ser o fim da vida! Estou desnorteado, a derrota a seguir deve de ser outra. O fim da vida, a minha estrella, deve ser a gloria.

Entregou-se então ao estudo com todo o ardor d'outr'ora. Conversou a Platão, Aristoteles, Cicero, Seneca, a todos os antigos, a todos os modernos illustres.

Dois eram os fins a que visavam estes estudos: fallando d'estes grandes homens mais judiciosa e elegantemente que até então se tinha feito, acariciava a ideia lisongeira de vêr seu nome illuminado d'uns reflexos de gloria, que sobejavam na esplendorosa aureola d'esses vultos proeminentes; um sonho mais seductor ainda lhe cahiu em phantasia: — esperava que lhe déssem do enygma da vida uma solução séria, elevada, que dissipasse todas as suas duvidas.

Durante quatro annos foi o estudar e trabalhar noite e dia. Tinha ás suas ordens uma excellente revista que publicava seus trabalhos scientificos; o Instituto coroou uma de suas memorias. O renome estava conquistado.

Mas não se passou muito tempo que não dissesse comsigo:

— Ai! eu ando ainda illudido! Se a gloria é o fim da vida, a vida é bem amarga decisão; aspiro a uma felicidade completa... e a gloria não m'a dá.

Os leitores já conhecem o meu heroe: é tempo de o pôr em scena.

No momento mesmo em que elle acabava de rever as suas provas de imprensa, bateram de rijo á porta. Sem esperar que Julio dissesse — entrae! — um homem de 40 annos penetrou no aposento. Era o corpulento e folgasão M. Girard, professor de historia no lyceu.

Julio recebeu-o com a affabilidade e doçura que lhe eram habituaes. O ardor da lucta estava concentrado lá no interior da alma.

— Bravo, meu caro! exclama M. Girard, repotreando-se n'uma poltrona, a coisa não podia correr melhor!... Que triumpho! Ahi na cidade não se falla d'outra coisa. Sim senhor! discurso melhor é que nunca aqui se ouviu. Vaes caminho da gloria, ou, melhor, já a possues.

— E depois?

— Vamos! Por força que estás hoje adoentado?

— O que é que te leva a julgar-me tal?

— Então! Vejo-te (e tudo no mesmo anno!) publicar artigos notaveis; vejo-te coroado pelo Instituto; todos os jornaes levando ás nuvens o teu nome; toda uma grande cidade extasiada dos prestigios da tua palavra e deslumbrada das fulgurações do teu genio... e tu não estás satisfeito!...

— Não, não o estou... Meu velho amigo, estou habituado a ser franco comtigo. Confesso de plano que, se me annunciassem, ha ahi uns cinco annos, todos os triumphos que goso de presente, exclamaria sem duvida: «Serei então o mais feliz dos homens». E ter-me-hia enganado altamente.

Estava intimamente convencido que a gloria (fallemos com mais exactidão) que a reputação era o maior dos bens, um bem delicioso, o só bem digno d'um homem que aprecia sua dignidade. Não fazia senão olhar para o horisonte do futuro, a vêr se lá avultava o ponto luminoso, attrahente — a reputação anhelada. E agora conheço-a assaz para dizer, desde hoje, que ha aqui no meu coração um vacuo espantoso, que ella jámais, jámais encherá! Girard, devora-me a sêde de saber, uma sêde inextinguivel; quanto mais estudo, mais esta sêde se exaspera. Olha para estes livros!...

Como isto dizia, Julio apontava-lhe para a sua bibliotheca.

— Se estes livros fossem homens, vel-os-hias precipitar-se uns contra os outros, e trucidar-se barbaramente, porque o que um affirma, o outro nega; o que este adora, queima-o aquelle! Que fazer no meio d'este conflicto temeroso?...

Ainda isto não é tudo: tenho uma necessidade indiclinavel de amar, e nada do que vejo merece o meu amor... O excesso do trabalho e — confessemol-o lisamente — as paixões têm me dado um temperamente especial. Martyrisam-me por vezes dores moraes indiziveis, horrorosas, e ninguem ha que me console... E ninguem o poderia fazer, porque nem eu mesmo comprehendo o mal que me trabalha. Tenho o amor do bem; quereria realisal-o em mim, em torno de mim. Fallecem-me as forças!... Sei eu, em verdade, o que é o bem? Os meus philosophos dizem-me que ha um Deus, uma outra vida. Mas este Deus, o que é? Qual a razão porque me não falla?... Ess'outra vida que bens me promette? Com que condições encontrarei a felicidade?

Quando lhes proponho estas questões, os meus philosophos balbuciam... Ah! quanto é horrivel ter tantos desejos, e não poder satisfazer um só!... vêr diante de si taes problemas, e não poder desatal-os!

O bravo do Girard era um epicurista, practico, todos estes assumptos tão ponderosos afiguravam-se-lhe questiunculas metaphysicas que nada tinham que vêr com elle. Julio parecia-lhe um lunatico arvorado em philosopho, e estava já para lh'o confessar ingenuamente, quando appareceu uma creada, e entregou uma carta a Julio. Abriu-a.

— Ah! é M. Joyeux, o nosso antigo reitor do lyceu, disse elle.

Começou então a lêr a carta em alta voz. M. Joyeux passava docemente o tempo n'uma encantadora propriedade, a algumas leguas da cidade. Convidava Julio a ir passar os primeiros dias de férias, n'aquelle delicioso retiro.

— Vae! vae! disse Girard, que te fará bem; tens necessidade de respirar ambiente mais puro: o ar do campo te ha de espairecer o espirito.

Julio sorriu, e respondeu simplesmente.

— Partirei amanhã.

II

Passados dois dias, estava Julio no predio de M. Joyeux, em Saint-Jean-des-Prés.

Nada ahi mais attrahente e bello, do que esta aldeia, perdida no meio d'uma floresta de verdura, assentada á margem d'uma ribeira poetica e profunda. A casa de M. Joyeux era simples e commoda, o jardim vasto e bem cuidado.

A vida que o antigo reitor ahi levava, era uma vida das mais dôces que se podem imaginar, uma verdadeira vida de sabio pagão, proporcionando-se todos os commodos, não se occupando dos homens, nada cuidando da vida futura.

Eram tres as suas occupações favoritas; ler, pescar e banquetear-se.

Passava alternativamente do remanso dos seus livros á ribeira onde fazia aos peixes uma guerra habil e feliz.

Depois de estar enfastiado de lêr, de permanecer largas horas á beira d'agua, immovel como os salgueiros que, debruçados, ahi banhavam suas ramas, caminhava para a casa de jantar. Ahi passava bom tempo, e não ociosamente.

No dia seguinte á chegada de Julio, mostrou-lhe o seu jardim, que era particularmente caro á senhora Joyeux, boa mulher, um tantinho apathica, d'uma intelligencia limitada, que venerava seu marido como um oraculo.

Depois de ter mostrado a Julio toda a sua propriedade, lhe disse:

— Estava com meus receios e não pequenos, de que não chegasses até segunda-feira. Todo o meu empenho estava em te vêr aqui ámanhã. E' que, meu caro, amanhã é a minha festa de gala!

Amanhã teremos um jantar-rei, um jantar como nenhum no anno. E cosinheira temos tal, como não ha aqui, meu caro amigo. Nunca, em parte alguma me vieram á mesa tão bem sortidos, pratos, como os que ella me apresenta. Os que não sabem o que é bom, dizem que um bife é sempre um bife, e o creme sempre creme. Isto é o que se chama ser idiota a mais não poder ser! Entre as differentes maneiras, a que se póde accomodar uma iguaria, ha gradações ao infinito; só as sabe apreciar um paladar delicado...

O assumpto era perigoso, quando vinha á balha a *sciencia culinaria*. M. Joyeux era inexgotavel, eloquente, pathetico...

Julio conhecia-lhe o fraco, e deu-se pressa em mudar o assumpto da conversação.

— Não é para admirar, disse elle, que estejaes contente com tal cosinheira. A' primeira vista se percebe, que ella não é nenhuma creada das duzias. Tem uma sagacidade surprehendente, e uma physionomia que revela uma grande intelligencia.

— Sim, disseste bem, Julia não é uma mulher ordinaria. Seus paes eram ricos; infelizmente, seu pae desbaratou toda a sua fortuna. Julia metteu-se a costureira; foi ella quem educou seus irmãos e irmãs mais novas, e lhes deu modo de vida. Mas a idade trouxe comsigo algumas enfermidades. Julia foi então para casa d'um sujeito, amigo de sua familia, como dispenseira. Uma enfermidade dentro em pouco lhe arrebatou o patrão, Julia não tinha em que entender, quando uma amiga de minha mulher nol-a apontou. Vae n'um anno que está em nossa casa. Tractamol-a mais como pessoa de familia, que como creada. Só tem um defeito: é devota.

— Feliz defeito! murmurou Julio lá comsigo.

— Hein?. . Que?... Um philosopho chama á devoção um feliz defeito?... Ainda bem, que ninguem ouviu.

— E se ouvissem, pouco se me dava... A philosophia é carne balôfa; aguça a fome, não alimenta. Ah! quanto são felizes os devotos, que crêm

saber d'onde vêm, para onde vão, e qual o caminho a seguir...

— Meu caro amigo, nós saberemos isso mais tarde .. se puder ser. De presente, uma só coisa nos dê cuidado, procuremos viver felizes, e não façamos mal a ninguem.

— Muito embora! mas urge que achemos o meio de sermos felizes.

M. Joyeux apressou-se em dar sua receita a Julio: bem comer, beber melhor, sem ir nunca ao excesso, cercar-se de prazeres faceis, etc...

Julio escutou-o com affectuosa polidez; mas quando se calou, Julio começou a fallar d'outra coisa. Abemaventurança vulgar de M. Joyeux inspirava aborrecimento a Julio. A que vem disputar com um homem que não nos póde entender?...

(Continúa)

* * *

PENSAMENTOS

Exigir dos moços juizo e prudencia é pretender que os fructos verdes tenham o sabor e perfume dos maduros.

*

Cada anno como cada seculo que passa, vae onerado de casos, eventos e phenomenos, que os distinguem dos antecedentes e os constituem originaes na ordem dos tempos e evoluções da humanidade.

*

«Quando a Belleza se enfeita
Com a Virtude, é thesouro
Que muita gente suspeita
Ser encanto d'um rei mouro.»

*

As horas são as virgulas de nossa existencia, as enfermidades os dois pontos e a morte o ponto final.

*

Casamento é a prisão cellular a que nos condemnamos por proprio gosto.

*

A confissão outra cousa não é, que a barrela de nossos peccados.

* * *

ANECDOTAS

Uma espirituosa dama pedia a certo ministro emprego para seu filho que apenas contava dezesete annos.

— Mas, minha senhora, replicara o ministro, seu filho é tão joven...

— Oh, excellentissimo, não faça questão d'esse defeito, porque meu filho se hade corrigir d'elle todos os dias.

*

Um guarda portão, assistindo a uma missa do gallo, adormeceu encostado a um pilar:

Ao levantar a Deus, o acolyto tange a campainha e elle, ouvindo-a, desperta e grita:

— Espere já bai; nan tenha pressa que já bou!

*

Uma dona de casa, ainda muito nova, vae á cosinha, dirige-se á cosinheira e pergunta-lhe:

— Que está você a fazer?

— Estou a lavar o peixe, minha senhora.

— Que tolice! Então você lava o peixe que passa toda a sua vida a banhar-se na agua?!

ORIGEM DOS SETE DOMINGOS DE S. JOSÉ

A ORIGEM d'esta devoção vulgarmente dita *das sete Dôres* e dos *sete Gozos de S. José* funda-se na propria natureza da cousa; porque é natural ao homem alegrar-se ou doer-se com o objecto amado; e, havendo S. José. durante sua vida mortal, tido motivos especiaes para sentir dôres e prazeres singulares, rasão é que seus verdadeiros devotos se entristeçam ou se alegrem com elle, practicando a bella devoção dos *Sete Domingos.*

E' esta a remota origem de practica tão piedosa e conhecida; mas a causa proxima é a vontade do Patriarcha S. José manifestada a dois religiosos franciscanos e confirmada e indulgenciada pelos Summos Pontifices, como consta dos dados seguintes:

Navegavam dois religiosos franciscanos no mar que banha as costas de Flandres, quando se desencadeou uma furiosa tempestade que submergiu o navio com tresentos passageiros que dentro levava. Dispôz a divina Providencia que os dois filhos do Seraphim Chagado se agarrassem a uma taboa, sobre a qual se conservaram durante tres dias, entre a esperança da vida e a certeza da morte. Eram elles muito devotos de S. José e confiados em sua valiosa protecção se lhe encommendaram como a verdadeira taboa de salvação. Sua oração foi attendida; a tempestade cessou, o ceu se descobriu, o mar acalmou e a esperança renasceu em seus corações; de repente um mancebo cheio de graça e magestade lhes appareceu diante, offerecendo-se para lhes servir de piloto, levando-os a termo de salvamento; o que fez com tanta felicidade que ao cabo de pouco tempo saltavam já em terra salvos de tão eminente perigo.

Então os dois religiosos se lançaram aos pés de seu libertador e havendo-lhes, em effectuosas palavras manifestado seu eterno agradecimento, rogavam-n'o encarecidamente que lhes dissesse quem era.» *Eu sou José*, respondeu, e se quereis fazer causa do meu agrado resai devotamente todos os dias sete vezes a oração do *Padre Nosso* e da *Avè-Maria*, em memoria das *sete Dôres* que affligiram minha alma, e dos *sete Gozos* que consolaram meu coração emquanto vivi sobre a terra na companhia de Jesus e Maria.» Dito isto desappareceu, e os religiosos gratos a tão singular bemfeitor não esqueceram jamais durante sua vida a devoção por elle ensinada.

Desde então esta santa devoção começou a divulgar-se mais e mais com muito proveito dos fieis. Os Summos Pontifices a enriqueceram de indulgencias; Gregorio XVI concedeu em 28 de janeiro de 1836, a quem a praticasse durante sete domingos consecutivos 500 dias de indulgencia em cada domingo e no setimo indulgencia plenaria, e Pio IX a 1 de fevereiro de 1847 indulgencia plenaria em cada um dos domingos, a qual se póde applicar pelas almas do purgatorio.

Em qualquer epocha do anno se podem lucrar

estas indulgencias; porém o tempo mais opportuno parece ser nos domingos que antecedem ou seguem immediatos á festa do Santo, ou em circumstancias criticas e momentosas, como para um conhecer sua vocação, para se conseguir a conversão d'algum peccador, ou o bom exito d'algum negocio que respeite a gloria de Deus e bem de nossas almas.

Ninguem, pois, deixe de praticar todos os annos tão santa devoção, porque proveitoso é offerecer a S. José este pequeno tributo de amor e reconhecimento pelos favores d'elle alcançados, e assegurar no futuro novas graças espirituaes e corporaes.

Fr. Andrés Océrin Jauregin (Burgos.)

Secção Historica

HISTORIA DE S. ANTONIO DE LISBOA

CAPITULO IX

O novo soldado da pobresa

(Continuação)

Desejos do martyrio. — Os dous amores. — A logica do amor. — A ultima demão. — S. Antonio dos Olivaes. — Religiosos de S. Antonio e de S. Cruz. — Petição de Fernando, recusa, licença, lagrimas e despedida.

O THESOURO que o infante D. Pedro transportou de Africa para Portugal, e que foi enriquecer o celebre mosteiro de S. Cruz de Coimbra, attrahia todas as attenções e todos os affectos de Fernando. As sagradas reliquias dos santos martyres tinham um singular attractivo para o santo religioso, que em todos os momentos que lhe deixavam livres os exercicios da vida religiosa ia passal-os ali, ajoelhado deante da urna onde se conservavam os santos restos dos primeiros martyres da Ordem Franciscana.

Lá, de joelhos, passava por seu espirito, encantado com a soberana belleza do martyrio, todos os transes porque passaram os servos de Deus; e esta consideração accendia em seu peito um fogo divino que só poderia apagar-se com o mais sublime de todos os sacrificios — com o martyrio.

— Ah! dizia elle com os olhos arrasados de lagrimas, que lhe fazia verter a devoção e o desejo de soffrer por amor de Jesus Christo, se eu podesse participar da corôa d'estes santos martyres! Se vós, ó meu Deus e Senhor, por amor de vosso divino Filho me concedesseis a graça de receber de joelhos a morte, por amor da vossa fé!

Queria morrer por Jesus Christo, já que esta é a mais evidente prova de amor que o christão póde tributar ao seu divino Mestre. Era este o seu fim; parecia-lhe, porém, que não havia meio mais a proposito que seguir a eschola onde elles, os santos martyres, foram aprender o segredo da cruz e do soffrimento, e onde receberam o vigor com que subiram impavidos até ao cume do Calvario.

O coração dizia-lhe, depois de profundas reflexões, que só na Ordem Franciscana encontraria uma eschola que podesse conduzil-o ao termo dos seus mais ardentes desejos. Mas a mesma fonte dos affectos que o inclinava para a Ordem Seraphica, parecia prendel-o a S Cruz. Era a lucta de dous amores que por vezes sente o homem, e que gera no espirito humano a maior das angustias.

O homem é naturalmente inclinado para o bem, como o é para a verdade; e esta inclinação, que brota do coração humano para o bem, chama-se amor, mais ou menos nobre, mais ou menos impetuoso, conforme fôr a nobresa do objecto e a inclinação do coração. Occasiões ha que o coração encontra obstaculos ás suas aspirações; é então que apparece essa dôr mysteriosa, que produz, umas vezes desvarios que envergonham o genero humano, quando o amor é baixo, vil e terreno; outras vezes os mais sublimes rasgos de heroismo, que honram e nobilitam aquelles que teem a coragem de os pôr em pratica.

Fernando tambem tinha coração e tambem amava; o objecto do seu amor era o mais nobre de todos os que existem, era a belleza por essencia, era a bondade infinita, era o proprio Deus.

Este amor gerou um outro, o amor ao martyrio; e este um outro, um ternissimo affecto á Ordem Franciscana. Chama-se isto a logica do amor, que os philosophos costumam enunciar com um principio assaz conhecido—*quem ama ou quer o fim, ama ou quer os meios que a elle conduzem.*

Assim se passaram muitos e longos dias de grande amargura para Fernando, que só na oração podia encontrar algum lenitivo ás suas afflicções de espirito. «Clamava ao céo com instante oração, rogando a Nosso Senhor que visitasse sua alma e que lhe inspirasse o que mais conforme fosse com a sua santissima vontade, mais condocente á sua salvação e que mais concorresse para utilidade e edificação dos proximos [1].» Lembrava-se do tempo que passara entre os Conegos Regrantes, onde só admirara exemplos de muita virtude e edificação; lembrava-se do altar que recebera seus votos, e sentia saudades; olhava para o candido habito dos Filhos de S. Agostinho, e parecia ouvir-lhe dizer: — Lembra-te, Fernando, que, se tu não seguiste os desregramentos de muitos de tua edade, depois do céo, a mim o deves. Fui eu o sepulchro sagrado, onde vieste refugiar-te das ciladas do mundo. Tantos beneficios, queres acaso pagal-os com uma deserção?

Por outra parte, o coração parecia inclinal-o para bellezas, que eram o mais direito caminho a seus sonhos dourados. Via elle todos os dias esses pobres por amôr de Jesus Christo, que haviam deixado commodidades terrenas, para trocal-as pela

[1] «Interim nocte ac die rogabat attentissime Dominum, ut menti ipius adspiraret quod et illius voluntati gratius, et suæ saiuti conducibilius et proximorum utilitati atque edificationi oportunius esset.» (*Vita Anonyma* cap. III).

pobreza. Entre esses pobres, havia-os que eram ricos e nobres, e agora sugeitavam-se a serem despresados, esmolando o pão de cada dia de porta em porta. — Ha lá cousa que se possa comparar com tamanho sacrificio, dizia elle? Só quem assim calca aos pés o fasto mundano e as grandezas da terra, pode responder afoito ás exigencias do tyrano, que intenta arrancar do coração fiel a fé do seu Deus. Oh! e a humildade, essa virtude que tanto preso, onde poderei encontral-a com mais certeza, e guardal-a mais segura que sob o habito do grande Francisco? Mais bello me parece esse aspero borel, cingido por dura corda, em sua poetica e sublime simplicidade, que os mantos reaes onde brilhassem, entre esquisitos bordados de ouro, os mais raros e preciosos diamantes.

Assim monologava Fernando, absorto em profunda meditação e afagando em seu pensamento a ideia do martyrio, com que trazia embebidos continuamente seus pensamentos, quando visivelmente viu deante de si o typo do que elle desejava ser. Era Francisco [1], o fundador do novo instituto, que vinha dar a ultima demão á obra que o sangue de seus filhos, mortos em Marrocos, e a divina graça vinham operando no coração do Santo religioso.

— Coragem, Fernando, lhe disse Francisco, não desanimes; Deus quer que sigas pobre o exemplo de Seu Santissimo Filho pobre. Elle, que de humildes instrumentos se serve para grandes obras, quer lançar mão de ti; mas é mister que sigas primeiro o caminho da humildade e do despreso do mundo que eu tracei aos meus filhos. Só pelo caminho do despreso e da humildade se levam a bom termo os grandes emprehendimentos. Despe a camurça do grande S. Agostinho, e veste este pobre e despresivel habito. Deus o quer. E, assim fallando, desappareceu, deixando o santo religioso confirmado e resolvido nos seus santos propositos, e firme na inabalavel resolução de passar dos Conegos Regrantes de S. Agostinho aos franciscanos.

*
* *

A pequena distancia de Coimbra levantáva-se um pequeno convento, que, pouco havia, fora edificado por alguns dos primeiros discipulos, de S. Francisco, que haviam vindo a Portugal pregar a seus irmãos em Christo com apostolicas virtudes, e ensinar o caminho do ceu com a sua ardente e zelosa pregação. Fôra este convento edificado em meio de muitos olivaes, e, por ser ermo bastante o logar onde se fundou, tomaram por protector e padroeiro S. Antonio Abbade [3] um dos primeiros exemplares dos anachoretas: d'ahi lhe veio o nome de S. Antonio dos Olivaes.

[1] Apud. Boll. 13 junii — *Vita Anonyma*, C. I. Chronica Seraphica, Cornegio.

[2] Actualmente, este santo é conhecido pelo nome de S. Antão, talvez o uso se introduzisse para o distinguir do nosso santo; o certo é que no tempo de Fernando lhe davam os portuguezes o nome de Antonio. Isto confirma-o o uso dos estrangeiros que lhe chamam S. Antonio Abbade e não S. Antão.

Este convento, assim como os de Alemquer, Guimarães, Bragança, e outros já fundados ou em via de fundação, eram devidos á muita piedade e religião de D. Urraca, mulher de Affonso II, rei de Portugal. Logo que em Portugal appareceram os primeiros religiosos, a piedosa rainha incumbiu homens de muita virtude e letras que examinassem o instituto de religiosos tão singulares, os quaes reconheceram e confessaram ser seu instituto de muita santidade, sendo que era a mais perfeita observancia da doutrina evangelica, e que o modo de vida dos recem-vindos era perfeitamente ajustado com os exemplos que nos legou Jesus Christo. Bem certificada D. Urraca do que eram e do que valiam os novos religiosos, foi-se logo ter com el-rei, de quem impetrou amplas faculdades para que em todos os seus estados podessem os religiosos franciscanos fundar conventos. Foi assim que teve principio o convento de S. Antonio dos Olivaes.

S. Francisco, animado pelo verdadeiro espirito do senhor, attendia antes de tudo á santificação de seus subditos, no principio da Ordem; persuadido como estava de que a sabedoria haviam de elles busçal-a e penetrar os seus mais profundos segredos, e que o que mais importava era a virtude, principalmente a humildade. Por isso é que os religiosos que habitavam S. Antonio dos Olivaes não eram versados nos conhecimentos humanos, senão que tomavam á letra a moral evangelica, impressa em sua vida e nas grandes virtudes que os homens n'elles admiravam [1].

Aquelles religiosos nada tinham que podessem chamar seu; eram verdadeiramente pobres de Christo e por amor de Jesus Christo. Todos os dias os viam os habitantes de Coimbra passar, cobertos com o tosco e despresivel burel, de saccola ao hombro, ir esmolando de porta em porta o sustento de cada dia.

Não assim acontecia com os Conegos Regrantes. Seguindo o espirito do seu instituto, e, sem por fórma alguma offenderem a disciplina monastica, haviam, com o correr dos tempos, juntado largos patrimonios e mui ricas e abastadas commendas, que não deixavam inuteis, distribuindo pelos necessitados das visinhanças o que sobejava das necessidades dos bons religiosos.

Os franciscanos tambem concorriam da sua parte para o exercicio da caridade de S. Cruz. Lá iam tambem pedir esmola pelo amor de Deus. Fernando espiava todas as suas acções, preso como estava pelo coração áquelles que eram pobres, não por necessidade, senão por vontade, e que, depois de terem distribuido seus haveres aos indigentes, elles mesmos abraçavam a indigencia.

Pouco depois de ter tido a visão de S. Francisco, aproveitou uma das occasiões em que os religiosos de S. Antonio dos Olivaes foram a S.

[1] Ubi fratres erant instituto et vocatione franciscani, litteras quidem nescientes, sed vim et virtutem litteræ, vita et virtute exprimentes. (Vita anonyma c. III).

Cruz pedir esmola, e chamando-os de parte lhes disse:

— «Meus muito amados irmãos, desejo, com todo o affecto da minha alma, vestir o santo habito de sua ordem. Ponho, porém, uma condição, e é que, depois de ter entrado para a sua Ordem, me hão-de enviar a paiz de infieis, para que, á imitação dos santos martyres franciscanos, eu mereça tambem derramar o meu sangue pela fé, e participar d'est'arte da sua corôa» [1].

Conheciam os religiosos o merecimento do postulante, as virtudes que ornavam seu espirito e as qualidades de intelligencia e coração com que Deus Nosso Senhor o enriquecera, e por isso lhe disseram que podia estar certo seriam satisfeitos todos os seus desejos. Que seria enviado a prégar entre sarracenos, pois que essa era uma das liberdades de que gosavam os religiosos que abraçavam o novo instituto, e que no seguinte dia lhe trariam o habito que elle tanto desejava. [2]

Cheio de alegria e alvoroço, foi ter Fernando com o Prior de S. Cruz, a quem expoz os desejos que o animavam. A primeira resposta do Prior de S. Cruz foi uma formal negativa. Não se podia conformar com a perda do religioso de maiores esperanças que tinha entre seus subditos. Fernando não desanimou, mas, com humildade, candura e firmeza, expoz os motivos que o levavam a tomar uma resolução tão decidida. O Prior, bem contra vontade, reconheceu que era vontade de Deus, e deu a Fernando a licença que elle tanto desejava [3].

No dia seguinte trouxeram os religiosos franciscanos o pobre habito de Francisco ao santo religoso, [4] que, com muitas lagrimas, de joelhos o osculou e vestiu, em um logar retirado do convento de S. Cruz, sem a menor solemnidade ou apparato.

A mudança de Fernando espalhou-se immediatamente por todo o mosteiro, produzindo a maior dôr no coração de todos os religiosos, que amavam muito particularmenta o virtuoso Fernando. Todos choravam tamanha perda, no momento em que o santo mancebo se despedia dos que até ali haviam sido seus irmãos no habito. E alguns houve que misturaram o despeito á dôr e magua que sentiam com a deserção de Fernando. «As congregações religiosas, diz a este respeito um celebre historiador do santo, [5] parecem-se alguma cousa com as mães a quem a ternura faz perduar a inveja, que ás vezes d'ellas se apodera; como se estas duas inclinações se não podessem separar.»

Um dos conegos regrantes, descontentissimo com a mudança de Fernando, na occasião em que sahia de S. Cruz, disse-lhe:

— Vá, vá, meu irmão; já que entre nós se não póde salvar, póde ser que n'outra parte chegue a ser santo.

A estas palavras, Fernando de Bulhão voltou-se com muita brandura para o importuno censor, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Olhe, meu irmão, quando souber da minha canonisação, veja não se esqueça de louvar por isso a Deus Nosso Senhor.

Mal diriam os que ouviram esta resposta que era nada menos que uma prophecia que mais tarde se cumpriu á letra.

Como Deus é admiravel em seus inescrutaveis juizos! Os conegos regrantes attribuiram talvez a volubilidade de Fernando e a outras causas, a resolução tomada, quando era divina disposição, para fazer do postulante um dos maiores apostolos que ouviram os homens; dispondo que elle, para chegar a tal fim, trilhasse o caminho do desprezo, da pobreza e da humildade.

(Continua).

1 Ordinis vestris habitum, fratres charissimi, ardenti animo cupio accipere; modo id mihi polliceri velitis, simul atque illum induero, missuros vos me ad regiones sarracenorum, ut cum sanctis martyribus, merear, ego quoque sangninem fundere et esse coronæ illorum particeps (Vita anonyma c. III).

2 Illi, his auditis, non mediocriter tanti viri sermonibus exhilarati, diem crastinum ejus explendo desiderio designant (Vita anonym. c. III).

3 Prelatus nisi admodun difficulter discedendi voluit faeere potestatem. (Vita Anony. c. III).

4 Fratres Franciscani, non immemores pollicitacionis suæ, mane redeunt, habitun suæ professionis illi tradunt. (Id. Ib.)

5 P.e Hat. Histoire de Saint Antoine c. III.

O Mosaico da Abside de S. Maria Maior, em Roma

UMA das illustrações do presente numero representa com perfeição este mosaico.

Entre os muitos templos que a devoção do povo romano erigiu á Virgem occupa o primeiro logar a Basilica de S. Maria Maior. Segundo antigas tradições foi edificada a pedido da Rainha do Ceu e no logar indicado por ella. Possue a imagem da Mãe de Jesus pintada por S. Lucas, e a manjadoura sobre a qual descançou no presepio de Belem o Filho de Deus.

E' n'este magnifico templo que S. Antonio occupa, como no de Latrão, um distincto logar entre os grandes da côrte celestial.

O mosaico mandado fazer pelo papa franciscano Nicolau IV, foi executado por Thiago de Torrito e concluido por Gaddi, em 1307. Representa a coroação da Virgem no dia d'Assumpção. Com uma das mãos o Salvador colloca uma coroa sobre a cabeça de Maria, tendo na outra um livro aberto. Coros de anjos circundam o throno, aos pés do qual se lê a inscripção: *Maria virgo assumpta est ad aethereum thalamum in quo rex regum stellato sedet solio.*

Dois grupos de personagens contemplam o quadro, e parecem associar-se na terra á scena que se passa no ceu. A' direita S. Francisco, S. Paulo, S. Pedro e Nicolau IV de joelhos. A' esquerda, S. Antonio, S. João Evangelista, o Baptista e o cardeal Colonna, tambem de joelhos como o Papa.

Ninguem ignora porque razão S. Francisco e S. Antonio se acham representados no mosaico da Virgem, na primeira das suas basilicas: foram dois apaixonados de Maria. De S. Antonio, sobretudo, sabe-se a veneração que elle tinha pela Assumpção de Maria, a cujo mysterio é dedicada a Basilica de S. Maria das Neves, no Esquilinio.

ECHO DAS MISSÕES FRANCISCANAS

Venezuela —Os dous filhos de S. Francisco, Fr. Melchior Maria de Escoriaza e Fr. Raphael, foram do convento *Casacas* a *Caura* envangelizar aquelles povos e ao mesmo tempo afervorar os christãos na observancia do S. Evangelho e trazer ao bom caminho os que andam apartados da lei de Deus

Nosso Senhor abençoou os seus trabalhos e premiou o seu zelo. Edificaram uma egreja, converteram e baptisaram uns cinquenta e cinco, entre meninos e adultos, e fazendo com suas apostolicas exhortações com que contrahissem o matrimonio quarenta concubinarios.

A respeito d'estes missionarios diz o *Bolivarence* de Venezuela «Edificantes foram os exemplos que deram, de «zelo apostolico, de desprendimento e laboriosidade, que dignificam o homem.»

«Bastaram-lhes tres mezes para que deixassem cons-«truido um templo espaçoso á gloria do altissimo, com ma-«teriaes que elles preparavam mui de madrugada, e con-«duziam ao logar que se havia escolhido para a egreja.

. . . . . .

«Fizeram o bem sem ostentação; deram grandes e «nobres exemplos de desprendimento; provaram com fa-«ctos a excellencia da Religião a que consagram seus es-«forços e suas luzes.»

«Que ás acções de graças, accrescenta *La Religion* «de Casacas, que os fieis de Venezuela tributam ao Senhor «pelo grande beneficio que nos concedeu com a acquisição «e conservação dos missionarios, se una tambem a humilde «supplica pelo bom exito das santas tarefas d'estes apos-«tolos da caridade, os quaes são para maior honra e gloria «de Deus, salvaçao das almas e bem de nossa Patria.»

Arabia. — A' optima revista, *El Mensagero Serafico* de Madrid, escreve de Berbora (Arabia) o activo e zeloso filho de S. Francisco, Fr. Evangelista, dando a consoladora noticia de que em breve estarão terminados os trabalhos preparatorios para a evangelização do povo Saulami.

Este padre tem já dous diccionarios um *Inglez Soulami* e outro *Soulami inglez*, que serão publicados a meado do corrente anno; prepara tambem uma Grammatica e uma Guia de conversação. Eis o que diz este bom padre em sua carta: «Não me é possivel descrever lhe a fadiga «que me custou este trabalho ácerca de uma lingua que «não tem livros e da qual se não deram até agora senão «noções muito incompletas e insufficientes;... Não pre-«tendo haver realisado uma obra perfeita; este trabalho, «porém será sufficientissimo, para aprender com summa «facilidade a lingua Soulami. Cada um dos sobredictos vo-«cabularios tem para cima de 5:000 palavras e a Gramma-«tica resolve quasi todas as difficuldades que se encontram «na pratica da lingua. Acabados que forem estes trabalhos, «farei a versão de instrucções ácerca dos principaes mys-«terios e das mais importantes noções da Religião Catho-«lica, e então poderemos dar de veras principio á evange-«lização d'este pobre povo.»

E, depois, venham os inimigos dos frades dizer nos que os religiosos são inimigos da sciencia, que seu modo de vida é a ociosidade, que não se devem chamar apostolos da civilização e do bem estar dos povos.

Cuba. —«A Hespanha, a exemplo dos outros que presam a conservação das suas colonias, acaba de conceder ao collegio dos Franciscanos de *Aguilera* um decreto em virtude do qual todos os que vestirem o habito de S. Francisco ficam dispensados do serviço militar, com a condicção de que os superiores forneçam a Ilha de Cuba de missionarios franciscanos, que vão ali pregar a paz, a ordem e a obediencia.

Muito bem, que só assim se pode conservar o prestigio nas colonias. Era assim que fazia o Portugal d'outr'ora; o d'agora, esse... pouco tem feito, mas parece que está disposto a mudar de tatica.

Assim deve ser, senão por outros motivos, ao menos por conveniencia.

Jerusalem. — E' bem conhecido o facto de terem sido, desde ha bastantes seculos, os franciscanos os guardas a quem Nosso Senhor confiou a guarda dos Santos Logares. No meio de mil perigos e adversidades tem sido os filhos de S. Francisco sempre fieis á sua espinhosa missão. Muitos tem purpurado com o proprio sangue, em defeza da nossa Santa fé, aquelles logares que foram banhados e santificados com o sangue do Redemptor.

Por causa da sobreexcitação dos turcos contra os armenios, tem se dado factos revoltantes; foram já roubadas pelos revoltosos as egrejas franciscanas de *Ienig Kalé*, de *Doncalé* e de *Mnginkderesi*, sendo barbaramente assassinado o P.e Fr. Salvador de Capadocia, religioso italiano. E' mais um martyr da Ordem Franciscana. Os outros religiosos, companheiros do Padre Salvador, poderam felizmente, escapar á mortandade. Eram elles os PP. Manoel Garcia Pardoa e Manoel Triho e o Irmão converso Fr. Victor Urrutia. Só depois de serenados os espiritos e restabelecida a paz e o socego é que poderemos avaliar os males que produziram os infieis e se por ventura mais algum religioso franciscano foi ceifado pelo alfange mourisco.

O Rev.mo Custodio, superior de todos os conventos, resolvera, agora, que não pode haver noticias de seus subditos espalhados pela Palestina, por causa das revoluções entre turcos e Armenios, ir pessoalmente visital-os como bom pastor; o consul francez, porém, instou com elle para que não fizesse tal em tão criticas circumstancias, porque muito se esperava de seu conselho na crise revolucionaria que afflige a Palestina. Cedeu o amor de pai á prudencia de pastor, deixando se levar das representações do consul e dos conselhos dos outros superiores da Custodia.

O *Pélérin*, d'onde extrahimos esta noticia, refere tambem a grande caridade que os franciscanos teem mostrado sempre e ainda mostram com os que visitam os logares sanctos, recebendo a todos com singular caridade e hospitalidade.

Um religioso franciscano, por carta escripta a *El Eco Franciscano*, faz notar as circumstancias em que se encontra Jerusalem. Tudo ali nos confirma nas verdades que Jesus ensinou. Os judeus, perseguidos, e ultrajados, e desprezados de todos, fazem lembrar a tremenda maldição que pesa sobre suas cabeças. A diversidade d'esses farrapos velhos das seitas que outr'ora tanto mal fizeram á Egreja, e que nos fazem lembrar a impotencia da heresia contra o baluarte sacrosanto da Egreja de Deus, contra a qual não prevalecerão os impios. A concorrencia enorme de milhares e milhares de peregrinos que se prostram junto ao sepulchro do Salvador e adoram o logar onde Christo soffreu pelo genero humano, fazem lembrar como é glorioso o logar onde repousou o sagrado corpo do divino Mestre, e como Elle do alto da cruz attrahiu a si todas as gentes. E' a permanencia da palavra de Deus, no meio das vicissitudes porque vae passando a sociedade!

Perú. — N'esta parte da America trabalham os franciscanos com grande zelo. Em *Jayanca* fizeram quatro padres uma missão mui fructuosa, tendo, antes de a principiar, andado com um grande crucifixo, e um dos padres bradava em voz alta — *á missão, todos á missão!* Estiveram quinze dias n'este povo, onde colheram muitos fructos de benção.

Depois passaram a *Tuman* e *Cayalti*, onde improvisaram uma egreja com o seu respectivo pulpito e altar portatil. Os missionarios iam pelas casas chamar os habitantes, embrutecidos e ignorantes. Quando os padres lhes di-

ziam: — Então, que estás tu ahi a fazer? Vamos para a missão; verás que bella egreja nós fizemos; é muito bonita, melhor que a do vosso povo; vamos lá para a missão.

Elles respondiam com muita pachorra: - E' verdade, snr. cura, estavamos agora a pensar n'isso; lá iremos ter.

Para calcular a ignorancia d'aquelles povos, escreve um missionario a seguinte conversa: — Quantos deuses ha?

— Já ha bastantes dias que aqui estamos.

— Não te fallo em dias, senão em deuses; quantos deuses ha?

— Ah! meu cura, vão agora lá saber quantos ha!...

— Quantas pessoas ha em Deus?

— Somos diversas.

— Quaes são?

— Eu, minha irmã e meu cunhado...

Por espaço de 15 dias missionaram e evangelisaram aquella pobre gente, tão ignorante no grande negocio da salvação; os missionarios porém tiraram muito fructo dos seus trabalhos.

Principiaram depois uma missão na cidade de *Chiclayo,* que conta uns 18:000 habitantes, sendo grandissima a concorrencia, que foi augmentando de dia para dia.

Tiveram os franciscanos n'esta missão uma grande contrariedade, com que o demonio queria paralysar o andamento e o fructo da missão. Uma companhia theatral principiou, quatro dias depois de começar a missão, a representar uma comedia immoral, intitulada a *Serpentina.* Um dos religiosos o padre Caeho fallou fortemente no pulpito contra os missionarios do demonio; e, depois de muitas razões, concluiu que ninguem podia em consciencia assistir á representação.

Os que formavam a companhia ficaram furiosos, e, passados alguns dias appareceram nas esquinas uns pasquins em que se lia em lettras garrafaes: — *Abaixo os frades, viva a religião de Christo!* Toda a cidade se revoltou, e muitos se converteram, produzindo a arma d'aquelles perversos effeito contrario ao que elles esperavam.

Outros padres da Ordem fizeram uma missão em *Omate,* villa dos seus 4:000 habitantes. Foram recebidos com grande enthusiasmo. Celebraram-se 150 matrimonios, terminando a missão com uma communhão geral. Durante a missão, um dos religiosos deu exercicios a uma communidade, aos presos, ás creanças das escholas municipaes, e ao collegio da immaculada Conceição.

Deram depois outra missão em *Uchomayo,* onde, além de muitos outros fructos, se legitimaram 29 matrimonios.

Passaram depois a *Congata,* onde colheram muitos fructos, dando tambem exercicios a todos os collegios de educação.

O maior mal que os missionarios encontram nos peruanos é a indifferença religiosa. Para pôr um dique a esta peste, começaram os missionarios a implantar a Ordem Terceira. Oxalá que por cá se possa fazer o mesmo.

Estados-Unidos. — As missões franciscanas tem concorrido grandemente para a evangelização da grande republica norte americana. D'ahi o affecto que os habitantes dos Estados Unidos tem aos despretenciosos filhos de S. Francisco. Todos os dias vão novos operarios da Europa engrossar as fileiras dos filhos de Francisco que trabalham n'aquella grande seara. Mr. Carlos Rubinsóu, redactor em chefe da *North American Reviu,* homem de grande engenho e doutrina vestiu o humilde habito de S. Francisco. Será um novo soldado a favor da causa catholica. A resolução do illustre escriptor produziu muita impressão porque o queriam nomear sub-secretario de Estado da grande republica.

CULTO DE S. ANTONIO

CHRONICA DA PIA-UNIÃO E PÃO DOS POBRES

França: Pão dos pobres em Mende, Senlis, Paris. — Evangelização dos pobres em Montmartre e S. Antonio (Paris). — Fructos em Bordeus. — Apparição extraordinaria. — Mais um desenganado. — *Hespanha:* Instituições antonianas em diversas partes. — Grande numero de associados. — *Portugal:* Instituições antonianas em Barbudo, Castro Daire, Varatojo (novo centro). — *Advertencia.* — Numero dos associados. — Cartas, petições, graças.

FRANÇA

Em *Mende (Lorcre)* foi instituida a Pia União de S. Antonio e o pão dos pobres, onde téem produzido muitos fructos de benção. Todas as terças-feiras se celebra uma missa pelos associados, são recommendadas diversas petições, e todos os mezes é distribuido o pão aos pobresinhos.

Em *Senlis (Oise)* foi erecta a nossa obra no collegio das religiosas de S. José de Cluny. A superiora havia promettido levantar um altar a S. Antonio na capella do collegio, se elle lhe augmentasse o numero das pensionistas, S. Antonio ouviu-a, e ella cumpriu a sua promessa.

Na parochia de S. Thomaz (Paris) foi tambem instituida a obra antoniana. Cegara uma senhora muito rica, e prómettera ao santo instituir a Pia União e o pão dos pobres n'uma das primeiras parochias de Paris. se sarasse. O santo restituiu lhe a vista. E aquella senhora cumpriu a sua promessa.

Na egreja de Nossa Senhora de *Clignancourt,* em Paris, faz a obra de S. Antonio esplendidos progressos. Todos os domingos e dias santos ouvem 400 pobres a missa do rev. parocho. Finda ella, explica a doutrina aos pobres, e no fim é feita a distribuição do pão material. E ahi está como o Pão dos pobres é bom para o corpo e para o espirito.

Em Paris, na basilica de Montmartre e na egreja de S. Antonio, téem os Oblatos do S. Coração de Jesus e os Franciscanos uma ordem que é digna de ser imitada por quem está devéras animado pelo zelo da gloria de Deus. Mais de 3:000 pobres que até agora jaziam na ignorancia e na miseria, téem agora o alimento do corpo e a instrucção do espirito. Todos os domingos e quintas-feiras são elles instruidos pelos religiosos franciscanos, tendo confessores a quem manifestam suas culpas, todos os sabbados. São 3:000 a menos no partido socialista, e na chronica do crime. E' um bom contingente que entra no rol dos regenerados.

— Em Bordeus, na egreja de Nossa Senhora da Piedade, entraram nos cofres de S. Antonio, durante o anno de 1895, 4:432 cartas, sendo 1:793 pedindo graças espirituaes, 2:355 graças temporaes, 2:151 graças especiaes. E que o santo foi realmente generoso mostra-o o avultado numero de 3:874 cartas em acção de graças, e 227:903 kilos de pão, distribuidos aos pobresinhos!

— Refere a interessante revista *Boletim do pão dos pobres,* que se publica em França que, n'uma egreja de Granville, onde se venera uma imagem de S. Antonio, se téem visto em roda da imagem cercada de resplendores estas palavras: *Orae! Fazei penitencia!* Accrescenta que alguns officiaes da guarnição, querendo certificar-se por si mesmos, viram tambem estas palavras: *De 6 a 8 de junho de 1896. — Guerra!*

O parocho, afflicto com semelhantes avisos, quiz prohibir o accesso á egreja; mas teve de ceder aos desejos do povo, que em grandes multidões corre a vêr o curioso phenomeno.

Não garantimos a authenticidade do facto; resumimos, apenas, o que diz o *Boletim,* que brada aos francezes oração e penitencia.

Mais um desenganado. — Ha pouco tempo, conta um protegido de S. Antonio, deixei-me levar da tentação de, só no meu quarto, fazer rodar uma mesa. [1] Poucos ins-

[1] Isto de *mesas de rodantes* é uma pratica que põe o homem n'um execrando commercio com o demonio. São praticas perversas e supersticiosas, formalmente reprovadas pela Egreja.

tantes depois, a mesa começa a rodar e ouvi voz que dizia ser de uma creança, morta havia pouco tempo, e de quem havia tido muita pena. A algumas questões que lhe fazia ácerca do futuro, respondia-me sempre que nada sabia.

No dia seguinte, tornei a começar a sessão, haviam de ser 11 horas da noute, e ouvi esta resposta, pronunciada com muita rapidez: «Fazes mal em ir á missa». Ao ouvir semelhante proposta, deixei a mesa encolerisado.

A minha curiosidade era vivissima; e, por isso, procurei algumas respostas que me satisfizessem. D'esta vez o espirito offereceu-me dinheiro, de que na verdade tinha necessidade, com tanto que lhe passasse um recibo. Recusei, deitando em cima da mesa algumas gotas de agua de Lourdes. Immediatamente a agua desenhou uma bellissima cabeça de mulher, e depois uma horrenda figura de satanaz, cabellos hirtos, olhos faiscantes, nariz adunco, espaduas redondas, mãos e pés disformes.

Comecei então a invocar com muito fervor o meu amigo S. Antonio, e immediatamente desappareceu a cabeça do monstro, sendo substituida por uma bellissima cruz.

Assim, graças a S. Antonio, fui curado da minha reprovavel curiosidade, que me podia ser fatal. [1]

Não é, pois, sem razão que invocamos o nosso Thaumaturgo com o titulo de *terror dos demonios. (Bulletin du Pain quotidien).*

HESPANHA

Em *Santander*, diz *La Atalaya*, tem o pão dos pobres feito grandes progressos, tornando-se esta instituição pelos bens que está fazendo, crédora da sympathia de toda a cidade.

Em *Bilbao* foi instituida com grande solemnidade a obra de S. Antonio, prégando um bello sermão o R. P. Garcia Alcalde, da Companhia de Jesus.

Em *Durango* foi tambem erecta a nossa piedosa instituição, sendo precedida de um triduo prégado pelo R. P. Ecilla, franciscano.

Em *Salamanca, Sant'Iago* e *Madrid* são extraordinarios os fructos que dia a dia vai fazendo S. Antonio com o Pão dos pobres e a Pia União,

Os membros da Pia União, segundo os dados de *El Eco Franciscano,* ascende ao avultado numero de 139:665 associados!

PORTUGAL

Em *Barbudo* cada vez progride mais a devoção com S. Antonio. O Rev. Padre Peixoto, dignissimo Director do Collegio de S. Luiz, fez alli, no dia 16 d'este mez, uma bonita pratica, sendo depois feita a distribuição de 80 pães, de 3 kilos cada um.

N'aquella freguezia formou-se uma commissão, para se distribuir regularmente o pão dos pobres. Ficaram nomeados: — *Presidente*, o Rev.mo Snr. Padre José Manoel de Macedo; *Thesoureiro*, o Ex.mo Snr. Manoel José de Barbosa; *Secretario*, o Rev.mo Snr. Padre Antonio L. de Castro M. Villela; *Vogal*, Domingos José Lopes, e *Zeladora*, a Ex.ma Snr.a D. Emiliana Leite Barbosa.

Todos estes senhores são dignos de imitação pelo grande zelo que teem desenvolvido na propagação da nossa piedosa obra.

Em *Castro Daire*, depois de uma missão mui fructuosa e concorrida, feita pelos bem conhecidos e zelosos missionarios, os RR. P.e Fr. Manoel das Chagas e P.e Fr. Manoel da Trindade; este ultimo padre fez uma pratica ácerca da Pia União, recolhendo milhares de associados que, com grande alvoroço, deram seus nomes á Pia União.

Em *Braga* houve, a 27 do mez passado, na egreja dos Terceiros, uma pratica aos pobres, feita pelo Rev. P.e Fr. João da Trindade, sendo depois distribuido o pão a 740 pobres. D'ora avante distribuir-se-á semanalmente o pão a 200 pobres, dos mais necessitados da cidade.

Desde que o Pão dos Pobres foi instituido n'esta egreja, a 25 de março, até ao dia 31 de dezembro de 1895, nove mezes apenas, entraram na caixa dos pobres dos Terceiros 2:517$090 reis, sendo distribuidos pelos pobres, encarcerados, asylos e outros institutos de beneficencia 1:400 paes trigo, e 19:584 kilos de pão de milho.

No seminario de S. Antonio de *Varatojo* foi erecta, com auctoridade do Rev.mo Director Geral da Pia União, o centro diocesano para todo o patriarchado de Lisboa.

Advertencia: — Pedimos encarecidamente aos Rev.mos Directores diocesanos da Pia União queiram ter a bondade de, até ao dia 8 de cada mez, enviar o numero de associados que se hajam aggregado durante o mez findo; os logares onde se estabeleceu o Pão do Pobres, e qualquer outra circumstancia, digna de especial mensão.

Associados no numero passado	58:358
Mais do Patriarchado de Lisboa	91
Buligueira	25
Pena Firme	30
Ventosa	15
D'outras partes	21
Arcebispado de Braga	535
Simões	11
Alvadia	33
Bilhó	61
Refojos do Lima	30
Guizande	12
Forjães e Villa Chã	114
Gondarem	82
Lamas	42
Barbudo	140
De varias partes	10
Bispado de Bragança	113
Bragança	46
Carrazedo de Montenegro	67
Bispado de Coimbra	256
Borralha	256
Bispado de Lamego	4:406
Castro Daire	2:662
Pinheiro	463
Pereira (Pinheiro)	154
Monteiras	56
Lanellas	100
Almofada	27
Ermida	189
Esther	174
Mezio	84
Bigorne e Pendilhe	10
Moura Morta	124
Braços de Cá	10
Gralheira	46
Villa Secca	10
Villa Cova	11
Braços (Castro Daire)	88
Gozende	20
Parada	22
Baltar de Cima	126
Bispado de Vizeu	493
Móes	160
Villa Franca	10
Reriz	187
Pepino	56
Ribolhos	90
Moledo	10
Bispado de Angra	7
Ponta Delgada	7
De diversas dioceses	279
Total dos associados	64:538

Entre as pessoas que mais têm propagado a Pia União mencionaremos o Rev.mo Padre Accacio Valente, Bragança; a snr.a D. Rosa Emilia da Graça, Borralha (Diocese de Coimbra.) Na villa e concelho de Castro Daire (Diocese de Vizeu e Lamego) é sobremaneira admiravel a rapida diffusão da mesma Pia União, devido sobretudo ao zelo incansavel do R. P. Fr. Manoel da Trindade, missionario Franciscano, filho da Provincia Serafica de Portugal.

O numero da cartas que, na ultima vez que abrimos

[1] E' este um dos fins do espiritismo, arrancar a fé dos christãos e corromper os seus costumes, apartando-os do cumprimento dos seus deveres e das praticas de piedade.

o cofre dos Terceiros, se encontram era nada menos que de 539, sendo 459 petições, e 70 acções de graças, distribuidas do modo seguinte:

Petições 459, sendo graças espirituaes 33, temporaes 122, exames 8, conversões 7, enfermos 82, matrimonios 10, pessoas ausentes 5, filhos familias 2, coisas perdidas 6, vocações religiosas 5, demandas 4, restituições 9, loterias 25, diversas outras graças 141.

Acções de graças 70, sendo 13 por beneficios temporaes, 2 espirituaes, 1 exame, 12 enfermos, 10 coisas perdidas, 1 demanda, 1 restituição, 30 diversas outras graças.

PETIÇÕES

— Meu bom Santo Antonio. Se attenderdes o meu pedido ser-vos-ha lançada na caixa das vossas esmolas a offerta de 200$000 reis em 4 notas de 50$000 reis. Braga, 21-11-95.

— Milagroso Santo Antonio. Bem sabeis que tenho de fazer um exame, para o qual não me acho com habilitações necessarias; permitti, meu milagroso santinho, que fique approvado, e que me saia um ponto razoavel, ao qual eu possa responder. Se permittirdes que eu fique approvado, offereço-vos 1$000 reis para o pão dos pobres. Um devoto.

— Pelo amor que tendes ao menino Jesus e á Ordem Franciscana, vos peço que guieis meus passos para honra e gloria de Deus. Deparae-me alguma posição, para poder auxiliar minha familia, particularmente minha velha mãe, que jaz no leito do soffrimento. Fazei-me ver qual é a vontade de meu Jesus, pois quero salvar-me. Concedei-me a graça de poder arranjar do governo uma mensalidade para minha mãe. Prometto-vos 500 reis para os vossos pobresinhos. A vós recorro, não me desampareis, meu querido Santo Antonio.

«S. Antonio, hoje mais que nunca venho implorar o vosso auxilio para que livreis meu marido de testemunhos falsos, e perseguições; permitti que não passe trabalhos de justiça, e eu vos dou 1$500 reis para Pão dos pobres; prometto que nunca me esquecerei de vós».

«A Vós, meu S. Antonio, recorro com confiança e amor implorando a graça de attenderdes ás minhas supplicas. Prometto-vos 100$000 reis para o pão dos vossos pobres, se tirar bom exito o negocio que eu tanto anceio vêr realisado; e se fôr essa a vontade do divino Mestre».

«Glorioso S. Antonio, peço-vos de todo o meu coração que se permittirdes que meu filho venha do Brazil desde hoje até ao fim de janeiro proximo em recompensa d'isso dar-vos-hei uma libra».

«Meu Glorioso Santo, confiada na protecção que dispensaes aos que a vós recorrem, com confiança é que venho de novo a vossos pés, implorar a graça que vós ainda melhor do que eu, sabeis que pretendo, é uma graça justa e santa por isso vos peço em nome dos vossos pobresinhos de quem sois um admiravel protector e por quem eu vos offereço 100$000 reis se vós até ao dia da vossa gloriosa morte me alcançardes do todo Poderoso esta graça; espero, meu bom santo, não vos esquecereis de mim».

«Glorioso S. Antonio, a vós recorro implorando a vossa protecção para que pela vossa intercessão e da Virgem Santissima Nossa Senhora da Conceição e de Nosso Senhor Jesus Christo, aos quaes espero, que vós, Glorioso Santo intercedereis por mim afim de me sahir com o maior premio o decimo da loteria de que sou interessado, e se de tal graça eu fôr ouvido desde já vos offereço 5 % da parte que me tocar para o pão dos vossos pobresinhos, isto dado o caso que me saia a sorte grande; ou 2 1/2 % quando o premio seja superior ao que dispendi com o mesmo bilhete.

GRAÇAS

«S. Antonio, remetto 500 reis para o Pão dos Pobres, pelo favor que vos dignaste fazer-me, ficando approvado em litteratura e geographia na primeira epocha».

«30$000 reis, importancia de um objecto d'ouro promettido ao S. Antonio por um milagre feito».

«Ahi vos vae, Santinho, para os vossos pobresinhos, 100 reis em agradecimento de livrardes duas pessoas d'um grande perigo a que estavam expostas!»

«Uma mãe extremosa, tendo gravemente doente uma filhinha, dirigiu uma supplica a S. Antonio para que lhe obtivesse o seu restabelecimento. Foram ouvidos os seus rogos. Em reconhecimento envio-lhe 240 reis para os pobresinhos».

«Oh meu glorioso S. Antonio, eu vos agradeço o terdes-me alcançado de N. Senhor uma graça temporal; tinha-vos promettido 1$000 reis, mas em logar de vos dar isto dou-vos 3$000 reis; continuae sempre a proteger-me».

«Glorioso S. Antonio, não sei como vos hei de agradecer a graça que vós me alcançastes de Jesus e Maria, de me vir meu filho sem maior novidade estando um anno na guerra em Lourenço Marques, que tantas afflicções eu soffri por causa d'elle; eu vos envio 300 reis para o Pão dos vossos pobres».

«Oh meu glorioso S. Antonio, eu vos agradeço o favor que vós me fizestes em permittir que obtivesse noticias da Africa, que ha tanto tempo as não tinha. Eu cumprirei o que vos prometti, e vos invocarei em todas as minhas necessidades. Meu bemdito Santo, protegei a meu irmão e abençoae-o».

«Glorioso S. Antonio, venho agradecer-vos o favor e esmola que me obtivestes do Senhor a quem tanto amaes, de me livrar de uma demanda. Já satisfiz o que vos prometti.»

«Agradeço vos, meu bom santo, a graça que acabaes de me conceder. Aqui vos deixo os 5$000 reis que vos prometti para o pão dos pobresinhos.»

«S. Antonio, dou-vos infinitas graças por o beneficio recebido do que muito vos agradeço; envio-vos a esmola de 1$000 reis, que eu vos tinha promettido para pão dos pobres.»

«Um devoto em agradecimento de um favor entrega a quantia de 50$000 reis promettidos.»

«O' glorioso S. Antonio acceitae esta quantia de 1$000 reis para o Pão dos vossos pobres pelo grande milagre que me obtiveste dos SS. Corações de Jesus e Maria. Bemdito sejaes, meu glorioso S. Antonio.»

*

* *

Vamos dar publicidade, com muita satisfação, a duas cartas recebidas do Brazil sobre S. Antonio e a sua *Voz*. E da melhor vontade publicaremos sempre qualquer correspondencia d'este genero, ou d'outro semelhante com que os nossos assignantes quizerem honrar as columnas da nossa humilde revista.

Rev.mo snr. redactor d'«A Voz de S. Antonio».

Vou, pela segunda vez, pedir gostosamente um logarsinho n'essa interessante e utilissima *Revista*, transmittindo aos seus leitores, nossos confrades, o desenvolvimento da abençoada e caridosa obra «O pão de S. Antonio ou o pão dos pobres» que fundei em a nossa Santa Egreja Cathedral, como foi publicado em o n.º 10 da mesma benemerita *Revista*.

Desde a sua fundação, a 15 d'agosto do anno proximo passado, tem funccionado regularmente, achando-se matriculadas 45 familias, que, ás quintas-feiras. recebem o pão e tambem dinheiro proporcionalmente aos obtidos recursos d'uma obra viva, mas sympathica e de auspicioso futuro.

E' bom dizer: reunidos os pobres dou-lhes uma regular instrucção, não em fórma de cathecismo, propriamente dito, mas de catholica palestra familiar, no intuito de dispol os á resignação, a conformidade com a divina vontade e a pratica dos Sacramentos; o que não é commum nos tempos que correm.

Depois, benzo o pão, recito com elles a seguinte oração que compuz e desejaria vel a acceite, approvada e adoptada em todas as secções ou casas da fecunda obra.

ORAÇÃO

Para ser recitada antes da distribuição do Pão de S. Antonio

Senhor Deus Omnipotente, que tendo-nos creado á vossa Imagem e semelhança, prescreveste-nos a vossa di-

vina Lei, e quizeste que vos pedissemos o pão de cada dia, reservando para vós o cuidado, a solicitude de Pae; não nos falteis jámais, Senhor, com esse pão de cada dia, pelos meritos e intercessão do glorioso Santo Antonio; abençoae-nos em nossa pobreza, dae-nos as virtudes da paciencia e resignação, conformando-nos com a vossa divina vontade, bemdizendo-a para todo sempre; afim de que em nossa abençoada pobreza, alcancemos em Jesus Christo a verdadeira riqueza, que é o vosso goso por toda a Eternidade. Amen.

Um P. N. e uma A. M. pelos bemfeitores e para que Nosso Senhor toque os corações a virem em auxilio dos pobres.

O nosso Thaumaturgo já tem despachado varias petições, sendo cumpridos os *ex-votos*, muito me consolando e excitando confiadamente a novas supplicas, garantidoras da prosperidade da Obra, que será diaria, graças ao divino incremento, que se vae manifestando! Serei o ente mais feliz se não longe possa dizer: — Um certo numero de pobres ao acordar lembra-se que ao menos tem um pão na Cathedral para comer. Assim ha-de permittir o caridoso e compassivo Jesus.

D'este mez em diante passa a ser fornecido o pão duas vezes na semana, nas segundas e quintas, e oxalá que em junho já o possa fazer em tres dias e no fim do corrente anno em cada dia. Assim seja.

S. ANTONIO

Agora vou communicar vos a feliz lembrança que realisei com o mais assignalado exito no domingo proximo passado, 12 do corrente, infra oit. da Epiphania — *Uma Communhão de pobres!* Oh! que acto edificante! que scena legitimamente catholica! Como em lagrimas de commoção se experimenta o antegoso da eternidade! Deixo de parte o trabalho de preparal-os, vestil-os, etc., tendo o grande auxilio d'uma piedosa senhora, que nada tem de rica, a quem conferi o titulo de *especial protectora* da Obra, a viuva D. Mancia Ferreira.

No sabbado, á tarde, confessou-se um bom numero de pobres, e desde as 5 e meia da manhã de domingo, dei principio ao trabalho do confessionario, que terminou ás 7 e meia, entrando a missa, acompanhada a orgão e bellissimos canticos, ás 7 e tres quartos.

Que bello espectaculo! Eram 55 pobres, cegos, aleijados, decrepitos e valetudinarios de 60, 70, 80 e mais de 90 annos, assim como tambem alguns orphãsinhos! Meu Deus! fazei que por toda a parte se repita essa catholica scena de caridade em estreitado amplexo com a edificante piedade!

Antes de administrar-lhes a Sagrada Communhão, empunhando a Eucharistica Especie ou Particula, fiz na maior commoção um *fervorino* mostrando-lhes que Aquelle mesmo Jesus, a Quem buscavam e acompanhavam as turbas, sequiosas da sua divina palavra, avidas dos seus prodigios e ensinamentos; Aquelle Jesus que dava vista aos cegos, ouvido aos surdos, agilidade aos côxos e paralyticos; que resuscitava os filhos, restituindo-os ás suas mães; o irmão ás suas irmãs, etc., é o mesmo que iam receber, verdadeiro, real e substancialmente, como está no céo, embora tão humildemente apresentado n'aquella especie de pão!... Então bem afervorados foram-se approximando á Sagrada Meza, guiados e arrimados pelas ex.mas snr.as zeladoras do Apostolado da Oração, adornadas de suas insignias em o mais bello espectaculo, admiravel aos olhos dos Anjos e dos homens!

Conduzidos novamente aos bancos, collocados adrede ao acto em local atapetado e alcatifado de folhas e flores, seguiram-se ainda outros muitos fieis, que quizeram tomar parte n'esse concerto do mais puro amor; n'esse attrahente banquete do grande Pae de familia, nada tendo mais de figuras e sim de toda a sua abnegada e divina realidade, fruida ha 19 seculos, a despeito mesmo das mais crueis vicissitudes porque tem passado a Egreja militante em sua conquista da vida eterna, alargando o reino de Deus.

Terminado o Santo Sacrificio da missa, benzi o pão que foi distribuido aos commungantes, assim como registros de Santo Antonio e um enveloppe com dinheiro, pelas mesmas ex.mas zeladoras e membros das Conferencias de S. Vicente de Paulo, que, convidados, assistiram ao caridoso acto e cooperaram.

A Egreja, trajando de galas, esteve repleta de povo em o melhor recolhimento, que sahiu bemdizendo a nossa religião d'amor, todo consolado, embora enternecido por tão edificante solemnidade, que não a apagará jámais da memoria, confiando não se olvidará de vir em soccorro dos nossos pobres.

Hoje tem a Obra um saldo de 62$000 reis. Viva Jesus!

Peço desculpa a v. rev.ma e aos leitores da *Voz de S. Antonio* pelo alongado d'este simples communicado.

Porto Alegre, 16 de janeiro de 1896. — Rio Grande do Sul (Brazil).

O cura, *Conego José Marcellino de Souza Bettencourt.*

*

* *

Estado de S. Paulo, Guaratinguetá, 1 de dezembro de 1895

Snr. director da «Voz de S. Antonio»:

Quando vi o seu programma do anno passado, não me passava pela mente que eu, indigno servo de Deus, e humilde propagandista das ideias catholicas, fosse digno de hoje ficar seu correspondente, ou cooperador do seu jornal (e que é de S. Antonio).

Foi em abril d'este anno que recebi os seus programmas directamente e confesso que arranjei logo 18 assignantes sem trabalho nenhum, o que attribuo ao milagroso S. Antonio, ainda mais que d'esta cidade é elle Padroeiro.

A *Voz de S. Antonio* repercutiu em todos os corações de boa vontade e amigos da nossa Religião catholica apostolica romana, e assim me parece que são todos os que assignaram. Póde-se dizer que Deus os escolheu para ouvir a sua doutrina.

E' para mim motivo de grande jubilo v. lembrar-se da minha obscura individualidade para o representar n'esta localidade; pois lhe digo que não tenho feito pedidos, porque muitos tem sido assignantes expontaneos. Por isso eu digo para gloria de Deus que a todos acho com boas disposições para acolher a semente da boa doutrina.

Tenho sido muito gratificado por Deus, e espero que o Grande Thaumaturgo não deixará de me proteger tambem; o ter-me chegado ás mãos o seu jornal, a *Voz* é para mim um signal já da sua visivel protecção.

Tem actualmente v. aqui 32 assignantes, 24 do anno corrente e 8 de 96. Muitos d'elles já pagaram com a maior promptidão. Além dos nomes que já conhece, apresento-lhe mais estes, os snrs.: Dr. José Antonio Teixeira Machado, Antonio Motta, Joaquim Motta, José Miguel Vieira, D. Amelia Cesar, D. Zulmira Reis, D. Maria J. Marcondes, Custodio J. Maia Braga, D. M. Theodora de Brito, Francisco Rangel de Barros, Vigario João A. da C. Boeno, Antonio Marcondes Santos, João Vieira da Costa, Virgilio Marcondes, José Augusto Arantes, etc.

Continuarei a propagar o magnifico jornal de que v. é director desejando que todos no Brazil o assignassem. Estou certo de que muitos se o conhecessem para logo o assignariam.

De v. etc. etc.,
Victor A. Veiga.

Agradecemos cordealmente ao grande amigo de S. Antonio, o snr. V. Veiga, por todos os seus trabalhos e esperamos que Deus e S. Antonio o recompensarão. Muitos d'estes homens de fé pratica, e a imprensa catholica não estaria tão definhada.

Secção Scientifico-litteraria

A USURA [1]

PREAMBULOS

A LUZ da verdade está para o nosso entendimento, como a luz do sol para os olhos: apresenta-se mais brilhante e forte em certos pontos; e estes pontos movem-se na extensão da verdade, como as protuberancias do sol se deslocam no seu disco.

Mas, se, no dizer dos astronomos, o calor total do sol atravez das localisações na intensidade do seu brilho tende a diminuir, a somma de esplendor de certas verdades tende, pelo contrario, a augmentar.

E' porque na verdade, as zonas de luz com que ella brilha não são engrandecidas com o calor subtrahido a outras zonas. Ella tem em si jactos brilhantes que, muito embora dirigidos a certas epochas em particular, e visiveis em determinadas edades, nunca admittem a mais leve sombra ou mancha no seu disco.

E' o que se verifica na verdade de que nos occupamos; ou, *a contrario*, o erro que combatemos póde parecer tanto mais obscuro e nefasto, quanto é mais antigo.

Desde o principio do mundo que a lei divina prohibiu a usura em termos formaes; e esta prohibição ainda não prescreveu. Na edade média a philosophia escolastica poz clara a evidencia *a priori*, doutrinal e até mathematica, da *improductibilidade* essencial do dinheiro; e esta evidencia está de pé. Emfim, a experiencia mostra *a posteriori* ao nosso seculo a necessidade absoluta da realisação politica da lei divina e da lei natural contra a usura para salvaguardar a sociedade; porque a usura contem em germen o capitalismo e o socialismo. Ha aqui um facto da evolução sensivel que augmenta todos os dias.

Debaixo d'um certo ponto de vista, o que é verdade em si não apresenta muitas phases nem muitos centros; é, d'alguma sorte, o acto d'um ponto geometrico, que se furta á divisão e á successão.

Convem não esquecer e proclamar bem alto que se trata aqui d'uma d'aquellas verdades que o espirito apprehende e generalisa n'um relance intuitivo tão rapido quanto certeiro. A enercia é uma propriedade caracteristica da materia. Em physica,

[1] Com o presente estudo é nossa intenção dar conhecimento aos leitores da *Voz* d'um bello trabalho de Mr. Sylvio Monleon, sobre esta materia.

em mechanica é a inercia que exprime a materia; e esta propriedade é posta pela natureza ao alcance da mais leve observação como a propria materia. Para fazer a abstracção d'ella, não é necessaria grande penetração; se a sciencia mais elevada, se a analyse mais rigorosa são impotentes para a demonstrar, não ha ignorancia que a não constate. O laço que une a materia á sua massa espontaneamente immovel é traduzido logicamente por uma lei, necessaria immediata e universalmente conhecida. E' esta lei que encerra a questão da usura. Todos os theologos e todos os philosophos sabem que a usura, na sua suprema fórmula metaphysica e cosmologica, é uma violencia feita á ordem das qualidades e das causalidades que a divina intelligencia e a divina arte repartiram diversamente sobre as creaturas. Ora, «a natureza é medida pela arte divina, e a arte humana pela natureza».

Quebrar, portanto, esta medida é violentar a Deus na natureza; e é por isso que Dante representando na imagem dos castigos toda a philosophia da culpa, encerrou os usurarios no circulo dos violentadores.

Mas, desejando-se collocar a questão n'um outro ponto de vista não menos legitimo, é certo egualmente que o ponto substancial d'esta verdade, em si evidente, immutavel e intangivel, brilha, prolonga-se e expande-se n'uma multidão de effeitos remotos, de expressões variadas que se convertem para nós n'um verdadeiro luxo de provas. Os lumes que então se accendem são verdadeiros focos de reflexão.

N'este sentido é justo o dizer-se que o brilho d'uma verdade augmenta no ponto onde um dos seus effeitos se torna mais sensivel, e portanto mais perceptivel.

N'este sentido é ainda certo que cada verdade se apresenta aos seculos successivos de alguma sorte actuada e clarificada sob uma das suas faces em especial, segundo tiver encontrado nos acontecimentos a materia diversamente disposta para a receber e mais ou menos apta para ser impressionada por ella.

Por outras palavras: se a actividade dos principios essenciaes fosse sempre identica a si mesma, as potencias ou faculdadãs pelas quaes ella se manifesta seriam diversas e multiplas, e, 'dentro de certos limites, diversificariam qualitativa e quantitativamente a sua expressão.

Esta actividade permanece incontestavel, mas as suas expressões serão mais numerosas e penetrantes e nós ficaremos mais instruidos na verdade.

Debaixo d'este ponto de vista a antiga doutrina sobre a usura recebe nova luz, porque nos é permittido, n'este fim de seculo, corroboral-a com uma serie de argumentos *a posteriori* de que não dispunham os nossos antepassados.

Com effeito, nós sujeitamol-a áquella especie de contra-experiencia cujos resultados Bacon notava nas suas taboas d'ausencia. Esta doutrina está, na verdade, ausente das leis positivas, e as suas conclusões são por toda a parte violadas na sociedade. Contemplaremos umas e outras para melhor nos convencermos que a presença real da justiça é a causa unica da vida das nações e que a ausencia d'uma é constantemente seguida da ruina da outra.

Parece que, querendo instruir-nos á força, a verdade não opera hoje os seus effeitos negativos e os faz penetrar até ao grau intimo de sensação que chamamos soffrimento. O que fórma a impressão mais forte e sensivel d'um objecto é o ser devorado por elle: *usura vorax.*

Acima recordámos tres expressões successivas da mesma verdade; expressão propriamente theologica, expressão philosophica e expressão historica social; fixaremos cada uma d'estas expressões a uma epocha da historia onde ella parecer gravar-se mais profundamente, se bem que a data não nos deve pôr embargos. Em outros termos: tres leis successivas condemnam a usura: a lei divina e ecclesiastica, a lei natural e a lei da vida social.

Mas uma objecção se levanta immediatamente. Trata-se aqui do interesse do dinheiro, isto é, d'um modo de augmento da riqueza e por consequencia d'um dos objectos directos da sciencia economica.

Não será, pois, da competencia exclusiva d'esta sciencia resolver a questão?

Não contentes de a pôr de parte, com que direito a repellimos para nos governamos por doutrinas de outra ordem inteiramente diversa?

A caracteristica da economia politica official e officiosa que se reputa catholica é negar e contestar o direito de qualquer outra sciencia penetrar nos seus dominios a informal-a. Mas o rev. Élie Blanc demonstrou com toda a facilidade o contrario, isto é, a sua subordinação essencial.

Com effeito, similhantemente á circulação e distribuição do sangue no organismo, a circulação e distribuição das riquezas na sociedade depende d'um conjuncto de leis assaz complexas, oppostas entre si mas que se harmonisam e coordenam no organismo physico, como no social, debaixo do acto supremo do ser que as resume. Ora, esta gerarchia e esta ordem resultam da obediencia das partes e das forças inferiores ás leis da natureza superior. As leis, quando são muitas e de varias especies, convergentes n'um ponto de applicação em um mesmo ser, classificam-se segundo a ordem dos seus fins respectivos, e a lei superior, que liga o ser ao seu ultimo fim, deve conservar a direcção do todo e imprimir o movimento ás fórmas inferiores.

Assim, no vivente (considerado como tal) as leis da vida dominam, sem comtudo as destruir, as leis da gravidade ou attracção nos corpos inanimados. Fóra da ordem d'estas leis, o sangue, retomado inteiramente pela força de gravidade, accumula-se em certos pontos com detrimento da vida, ou se escôa e cai fóra do organismo com a propria vida. Em ambos os casos, que elle se accumule, ou que elle se escôe, ha menor obstaculo á morte que não é outra cousa senão o triumpho da gravidade sobre a força da organisação.

Em ambos os casos ha fraqueza, tisica, no sentido etymologico de diminuição. Nos dois casos, emfim, o sangue altera-se: immobilisado, decompõe-se immediatamente, porque a sua fórma é a união contínua com o principio activo do organismo.

Por conseguinte, quem pretendesse explicar o organismo só pela força de gravidade e definir os seus elementos sem o turbilhão que os informa, responderia apenas ao problema da morte, da decomposição e da ruina e não ao da vida, que é essencialmente a elevação espontanea da inercia.

Ora, bem! Por isso que os economistas tratam o objecto dos seus estudos por um methodo imperfeito e incompleto, ficam reduzidos á impotencia de dar uma explicação, impotencia que pesa sobre tudo o que é puramente mechanico. O valor não se concebe senão como acto humano, que dá á materia passiva o caracter de utilidade. Ora, o acto humano não se explica senão pela natureza racional, mas decahida, do homem, e a utilidade está ligada á sua natureza social.

E' necessaria, portanto, toda a philosophia, toda a theologia e toda a historia, para comprehender a ultima palavra do trabalho.

Os economistas que dispensam estes tres grandes lumes ignoram, sem duvida, a sua primeira syllaba. Quando a philosophia christã tomou o cuidado de examinar a sciencia economica, viu-se por assim dizer, obrigada a expulsar os economistas, como, cedo ou tarde, tem expulsado da sciencia os falsos sabios.

E' pois, evidente que ha não sómente uma economia politica christã, mas tambem uma economia, que, emquanto politica, tem suas leis sociaes sujeitas ao puro phenomenismo material dos economistas.

A harmonia que elles invocam não póde resultar do chaos, mas d'um principio de organisação superior ao chaos que o modifique. Este principio de organisação, pelo que diz respeito á riqueza, poderá estar collocado fóra da vontade humana? Collocal-o-hão nas leis mechanicas? Mas, a mechanica da natureza não produz senão espinhos e abrolhos. Collocal-o-hão nas leis animaes? Mas o trabalho não póde ser governado por estas leis, porque é especial ao homem. São, portanto, as leis proprias do homem racional e social que devem governar a riqueza.

Quando se houver achado anthropologia mais perfeita, mais justa e completa politica, que a edificada na Igreja pela Escriptura, pelos seus commentadores, philosophos e historicos, iremos escutar a essa cathedra as suas doutrinas.

Por emquanto, a doutrina da Igreja parece sufficiente para formar, comprehender e dirigir todo o material d'observação que os economistas procuram, em vão, de ordenar.

(Continúa).

VISÃO CELICA

Quem és tu, oh mulher, cuja belleza
Recorda um astro lá no firmamento?
Tu quem és, que me deixas na incerteza
E fatigas meu debil pensamento?

Formosa entre as formosas, a pureza
Se lê em tua fronte, e é meu intento
Da duvida sahir; que a Natureza
Ai! nunca produziu egual portento!

Não sei quem sejas, mas teu doce olhar
Captou minha alma e fez-me ajoelhar,
Curvado n'uma santa adoração!

Eu já te vi... não sei dizer aonde:
Oh! dize me quem és, emfim responde,
— Eu sou a Immaculada Conceição.

Vicente Novaes.

CHRONICA UNIVERSAL

MEZ DE JANEIRO

ROMA

Beatificações. — Foram elevados ás honras dos altares mais dous heroes da religião. No dia 12 de janeiro, o Beato Realino, Jesuita, e no dia 19, o Beato Theophilo de Corte, Franciscano, natural da ilha de Corsega.

Cordeiros. — Por occasião da festa de Santa Ignez, foram offerecidos, pelo capitulo de S. João de Latrão, ao S. Padre os dous tradiccionaes cordeirinhos brancos. Estes cordeiros, offerecidos cada anno ao Papa, são depois levados para um convento de religiosas. Quando é chegado o tempo tosquiam-lhes a lã e d'ella fazem os *Pallios*, que o Summo Pontifice envia aos Prelados que usam d'elles. Na Paschoa um d'estes cordeiros é servido á meza do Papa, pois é costume das familias romanas comer n'aquelle dia um cordeiro, em memoria do Cordeiro immolado para salvação do mundo.

Principe Fernando. — Foi recebido por S. Santidade o infeliz principe da Bulgaria; o que se passou na entrevista não se sabe ao certo; mas, que soffreu repulsa, não padece duvida. Pretendia, ao que se diz, que o desligasse de seus juramentos, para poder permittir que o pequenino filho passasse á religião scismatica.

Pobre principe! parecia-lhe a elle que o Papa iria auctorisar uma apostasia ainda que a titulo de segurar um throno!

Polacos. — Leão XIII, aproveitando a occasião das festas nacionaes pela coroação do czar, escreveu uma carta ao imperador da Russia, em que manifesta a sua dôr pela situação dos polacos, desterrados na Siberia, e entre os quaes ha muitos sacerdotes, e supplica-lhe que se não renovem as perseguições na Polonia.

Abyssinia. — Tem tomado particular interesse Sua Santidade pela sorte dos italianos na Abyssinia; e o governo, aliás tão grosseiro com o Papa, tem-se mostrado attencioso n'este particular, mandando os despachos telegraphicos primeiro ao Vaticano que os dê á publicidade.

PORTUGAL

Expedicionarios. — Chegaram ás aguas do Tejo no dia 19 de janeiro os gloriosos heroes de *Coolella* e *Manjacase*. A recepção foi qual era de esperar, extremamente

affectuosa e festival. Ao desembarque assistia tudo o que ha de grande em Lisboa, desde as Magestades até ás saudosas camponezas, que lacrimantes de alegria abraçavam os seus filhos, alvos de tantas acclamações.

Como se previa, a alma nacional deu um brado de emocionante enthusiasmo, a juventude estudiosa particularmente, doudejava nas suas acclamações aos gloriosos expedicionarios.

As festas de Lisboa, do Porto, de Braga e de todas as terras do reino foram mais cordeaes ainda que deslumbrantes. Nunca vimos como agora tão accordes os animos portuguezes. Foi a festa dos corações, dos lares, das praças, das ruas, dos ricos, dos pobres, dos nobres e plebeus.

A festa do templo dos Jeronymos, a distribuição da medalha commemorativa, os banquetes em honra dos heroes e tantas outras demonstracções, dão bem a entender que a Patria contempla agradecida, aos que se sacrificaram pelas quinas gloriosas.

Uma pensão vitalicia foi votada para tornar perenne o reconhecimento aos pobres soldados, que causaram a admiração dos proprios officiaes pela sua disciplina e valor, confirmando o dito de Napoleão I.º: *que o soldado portuguez é o primeiro do mundo.*

Os nomes do coronel Galhardo, do capitão Machado, Mousinho, Couceiro, Ornellas e tantos outros officiaes ficarão a par com os da gloriosa epopeia nacional.

Missões. — Assegurado o dominio da Africa, pelo heroismo de nossos soldados, parece que tambem pensam os politicos em assegural-o pelos laços da religião.

A corrente é, felizmente, propicia para o estabelecimento de missões. Desejar-se-hia, até, que surgissem para ahi missionarios *quasi por geração espontanea*, para não haver de mendigal-os no estrangeiro. N'uma reunião de parlamentares illustres, fallaram o snr. Adolpho Pimentel e o snr. Carlos Braga (cujo appellido diz o circulo que representa) mostrando a necessidade das missões religiosas; suas palavras foram bem acolhidas e secundadas pelo snr. ministro da marinha. O snr. dr. Quirino de Jesus, redactor do *Correio Nacional* e da excellente revista *Portugal em Africa*, tambem fez a sua estreia parlamentar no dia 26 de janeiro, com um discurso sobre interesses coloniaes, advogando, como tantas vezes na imprensa, o estabelecimento de missões. Finalmente, o snr. bispo de Himeria partiu para Roma no intuito de combinar o estabelecimento de trapistas nos immensos territorios da Africa oriental.

Teremos, pois, dentro em pouco, algumas missões mais na Africa oriental, louvado Deus. Mas, salvas as boas intenções dos homens illustres, que tanto se empenham pelo engrandecimento colonial, não será uma pura chimera querer missões para as colonias sem formar missionarios no continente? Os pretos não são os que hão de doutrinar os pretos. E alguem se persuade que rapazes portuguezes irão entrar nos claustros italianos? Desenganem-se, se querem o fim, queiram os meios.

Hospitaleiras. — As Irmãs Hospitaleiras offereceram os seus serviços ao snr. ministro da guerra para tratar os expedicionarios doentes nos hospitaes militares, o que elle acceitou reconhecido. Serão, pois, as *mãesinhas*, como affectuosamente dizia um sargento expedicionario que na Africa foi curado por ellas, as que vão a concluir a guerra de Lourenço Marques nos seus resultados sanitarios. E' uma eloquente resposta á ultima intimação feita á irmã Coletta de recolher á cadeia, onde tem estado, com a resignação que inspira a virtude.

Anarchistas.—Um caso, hoje bem conhecido em todo o paiz, veio manifestar a bicharada que vae em Lisboa. Começaram pelos padres e não se fez grande caso; agora que vêem não serem só os padres que visam, tomam medidas violentas. Uma lei acaba de ser votada, que promette exterminar os anarchistas. Mas se não tirarem a causa, que é a impiedade, andarão sempre a podar a arvore, para rebentar com mais vigor.

HESPANHA

Cuba. — Martinez Campos foi demissionado e voltou logo á Peninsula, onde foi recebido officialmente bem, porém o publico mostrou-se descontente, assobiaado ao seu desembarque. Depois da sahida d'este general, a tactica mudou e os hespanhoes consta terem obtido algumas vantagens sobre os insurrectos, que tambem, parece não terem gostado da mudança.

Em Paris fundou se um hebdomario, escripto em hespanhol e francez, para advogar a causa dos revoltosos. No primeiro numero publicou a Constituição da possivel republica cubana. Segundo o dito jornal, os separatistas já occuparam as quatro quintas partes da ilha e a lucta será fatal á Hespanha, que em 11 mezes dispendeu 400 milhões de pesetas e cada dia lhe vae ficando por 1 milhão Pretende-se até, que a victoria dos separatistas será o principio de uma mudança de dynastia ou fórma governativa na Hespanha. Já correram boatos de estar áquem dos Pyrineos D. Jayme, filho de D. Carlos de Bourbon; e é certo que este chamou a Veneza um de seus principaes partidarios.

D. Odon. — Os jacobinos de Barcellona devem estar radiantes de jubilo.

O governo, que tanto alardea de conservador, reintegrou no lugar de professor da Universidade de Barcellona, um tal D. Odon, que o anno passado tanto deu que fallar.

Não se póde explicar o procedimento de Canovas e dos catholicos liberaes, que o bajulam, perante o despreso da auctoridade ecclesiastica e do golpe no venerando Bispo de Barcellona, que tanto tinha feito para evitar que os jovens fossem imbuidos nas doutrinas hereticas, que o tal cathedratico lhes prega descaradamente.

Lá como cá, de mansinho vão executando os planos da seita a que obedecem.

Aereolito. — No dia 10 d'este, cahiu sobre Madrid um Aereolito produzindo um clarão e um estrondo immenso, que causou panico geral, havendo alguns desmaios e mesmo ferimentos dos que se precipitaram fugindo.

FRANÇA

Embaixador. — M. Lefebre Baihaine, que ha 13 annos representava a França junto ao Vaticano, onde era muito estimado, foi chamado a Paris, e para não voltar. O motivo d'esta resolução foi, diz-se, uma carta que o Santo Padre escreveu ao Presidente da Republica, sobre a questão religiosa em França. A imprensa, quasi unanime, levantou-se contra o gabinete, que assim ultraja gratuitamente o grande Leão XIII, querendo converter a embaixada n'uma agencia hostil, encarregada de recompensar com a mais negra ingratidão, os grandes serviços prestados pelo Papa á Republica.

O ministerio já se tem visto em embaraços sérios, pois é accusado de querer secundar os planos de Crispi, Lemni e da triplice alliança, de que Bahaine tinha o Papa afastado.

Senado. — Loubet foi eleito presidente da Camara Alta, e o discurso da tomada de posse foi um grito de guerra a Bougeois e companhia. Alguns projectos de lei propostos e defendidos pelo governo nos ultimos dias, teem sido alli quasi unanimemente regeitados. Esperam-se, qualquer dia, grandes acontecimentos fallando se já na supressão d'este corpo legislativo, o que dará talvez uma revolução.

Laroche. — O residente geral de Madagascar é protestante, por sua desgraça. Apenas chegado á grande ilha, escreveu ao Superior dos Trapistas uma carta muito attenciosa, pedindo-lhe queira tomar parte na civilisação dos Melgaches. Ao mesmo tempo prometia fazer-lhes todas as despezas de viagem, dar todo terreno que quizessem e onde lhes agradasse e a certeza da protecção da auctoridade. E o que dirão os patriotas de cá? que os *jesuitas* penetraram nos aposentos do snr. Laroche...

Escandalos. — Uma serie de casos, cada qual de feitio a enlamear a historia d'um povo, teem sido o pasto de todas as attenções. Arton, no meio d'esta comitiva, já nem se destingue.

O curioso é serem todos os escandalos, no gosto e especie do *Panamá*.

ITALIA

Abyssinia. — Já dissemos, na noticia do mez de dezembro, dos desastres de Amba-Alagi, em que pereceram cerca de 2:000 italianos; desde então, se as perdas de vidas não

teem avultado, as perdas materiaes teem crescido desmedidamente.

O coronel Gallieno, com 1:500 homens, foi cercado em Makallé, onde resistiu valorosamente, mas houve de capitular. Menélik *generosamente* o deixou juntar ao grosso das forças, mas, com admiravel tactica, o fez escoltar pelo seu exercito, indo a acampar a 40 kilometros do general Baratiere e ficando com importantes refens da columna italiana.

As despezas da guerra, como já previmos, vão arruinar de todo a Italia. Desde o principio já se gastaram mais de 100 milhões de liras e elles pediam no parlamento um credito de 7 milhões apenas.

Nenhumas vantagens conseguiram ainda, e o mesmo Baratiére já disse que começa a ser anti-africanista.

A imprensa russa tem publicado artigos a favor da causa do *negus* Menélik, que não é tam selvagem como o queriam pintar. A França, ainda que não officialmente, porque acorrentada a Lemmi Crispi etc., na opinião publica é favoravel aos Abyssinios, que, apesar de tudo, são christãos e teem por si a força que dá o direito de possuir em liberdade o que se herda dos antepassados e que elles possuiam com titulos irrefragaveis.

ALLEMANHA

Imperio. — Foi festa nacional o dia 18 de janeiro, 25.º anniversario da proclamação do imperio allemão ou germanico.

Todavia, esta festa não teve o brilhantismo que era de esperar; alguns banquetes, brindes, mensagens, e alguma allocução do frenetico e incyclopedico imperador eis tudo. A maior parte dos principes da união germanica não assistiram.

A imprensa. — A imprensa allemã em anthithese á ingleza, tem apreciado com justiça os feitos militares dos heroes da nossa Patria.

A importante *Gazeta de Colonia* e a da *Allemanha do Norte* chegaram mesmo a dizer, que ninguem como os portuguezes faria uma campanha na Africa.

Ao menos consola vêr, que ainda ha no mundo alguem que contraste as injurias que os antigos alliados nos atiram cada dia.

Religião no exercito. — Uma ordem emanada do gabinete do imperador, prescreve que se desenvolva o espirito religioso nos soldados.

Não sómente, escreve Guilherme II ao ministro da guerra, não deve ser impedido algum soldado de ir á egreja de seu culto aos domingos e dias feriados, mas ainda se lhes deve franquear que frequentem as egrejas em qualquer dia e a qualquer hora, que não estejam em serviço. Vá em vista dos que mandam expedições sem capellães sufficientes para soccorros espirituaes.

INGLATERRA

Politica internacional. — E' invariavel a politica d'esta nação. O direito é sempre cynicamente calcado, pela unica razão dos interesses e da força. As questões internacionaes que ultimamente teem agitado a Europa, a America e a Africa são attribuidas, sem injustiça, á ambição sempre crescente d'este paiz.

E' accusada de agitar os armenios contra o Sultão, dando causa a tantas desgraças. Venezuella está em armas e toda a America em attitude quasi aggressiva para a Europa, porque a Inglatterra quer á viva força marcar fronteiras por paizes auriferos, cujo dominio nunca lhe foi reconhecido. A republica do Transvaal, o bello enxerto europeu no sul da Africa, é invadida por Jameson com uma turba multa de flibusteiros, que sabiam muito bem que nas ilhas do Norte da Europa haviam de ter sancção os *factos consumados*, isto é, a annexação da republica boer aos dominios britannicos.

Como Jameson ficou mal e a Allemanha se mostrou favoravel á causa da justiça, então é o aprestar esquadras, as ameaças de quebra de relações, o chamar as reservas, o pôr o exercito alerta e arma ao hombro, a torrente de improperios da imprensa ingleza ao cordato Cesar germanico.

Mas, tudo isto, vae dispondo as nações, para um novo *systema continental*, que d'esta vez, não se limitará á Europa e poderá reduzir os inglezes, a viver dos camarões pescados em volta da sua ilha.

Lourenço Marques. — Os jornaes da Inglaterra, mesmo officiosos, propalaram que havia relações abertas entre o Foreig-Office e o gabinete de Lisboa, para a venda da bahia de Lourenço Marques. Felizmente era apenas um novo ardil, para ferir os brios da nossa fidalguia. Então uma nação que tem a sua gloria nas suas colonias, adquiridas á força de heroismo e por meios os mais legitimos, havia de vender a chave da Africa do sul por 300 milhões?!!

BULGARIA

Perjuro. — O principe Fernando Coburgo, que ha annos está governando a Bulgaria, acaba de commetter um crime que ainda tem mais de singular que de nefando! Casara com a filha do duque de Parma, princeza profundamente catholica, com a obrigação, firmada com juramento, de serem educados os filhos na religião catholica. Nasceu o primeiro filho, foi baptisado catholicamente; do mesmo modo o segundo, não obstante a grande pressão da Russia e egreja scismatica. Agora, com uma fraqueza de apostata, resolve Fernando passar com solemnes ritos o innocente menino para a heretica e scismatica egreja grega!

O acto da apostasia realisou se a 14, na capital do principado, Sofia

O castigo de Deus não vem longe; o infeliz Coburgo já viu sahir a princeza Maria Luiza sua esposa, que protestando contra tal escandalo, abandona o querido filhinho, o esposo, o throno e se retira para a França, não se sabe se com resolução de se recolher a um convento, como já dizia a Fernando, ou a casa de seu pae o snr. duque de Parma.

TURQUIA

Boatos. — Correu noticia de que os dous imperios Europeo-asiaticos tinham assignado uma alliança offensiva e defensiva, o que foi desmentido. Logo depois veio uma outra, affirmando o desmenbramento da Turquia, occupando a Russia duas provincias, a Inglaterra a ilha de Chipre e o resto ainda no poder dos barbaros. A Allemanha e a França, que se resignariam acceitando o facto, o que lá nos parece suppor muita virtude e desapego n'estes povos altivos da sua potencia.

Estado interno. — Não é saptisfactorio o estado interno. Zeitun continuava em poder dos revoltosos, apezar do cerco apertado dos musulmanos. Tres consules designados para servir de mediadores entre o governo ottomano e os defensores da praça, chegaram alli e os cercados levantaram a bandeira encarnada com os destinctivos da Armenia, deixaram sahir as mulheres e os padres franciscanos a pedido do consul francez, e continuam até obter garantias, resistindo.

Na sua viagem os consules observaram que as provincias estão longe de estar tranquillas e cada dia se temem novos motins.

Segundo *Les Missions catholiques* o numero das victimas eleva-se a 100:000, e o das pessoas sem pão e sem abrigo a alguns milhões.

Não ha nenhuma segurança para os christãos, sendo até violadas todas as cartas, e um crime o pronunciar o nome de armenio.

Tudo isto seria incrivel, se não vissemos aqui os designios da Providencia, manifestando que o imperio turco, já cumpriu a sua missão: «castigar a rebeldia dos scismaticos gregos.»

Varia

BIBLIOGRAPHIA

Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, por Albano Bellino — Porto, typographia Occidental, 1895. — Tem sido assaz louvada esta obra do snr. Albano Bellino, cuja competencia em estudos d'esta

ordem todos reconhecem. E' dedicada á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, á Sociedade de Geographia de Lisboa, e á Associação Patriotica Primeiro de Dezembro. Traz o retrato do auctor e uma carta do snr. Pereira Caldas, decano do Lyceu de Braga, que anima o sollicito investigador a proseguir nos seus trabalhos epigraphicos, indicando-lhe obras de muito merito de mestres abalisados.

Sem duvida, os amantes d'este genero de estudos terão recebido com applauso a obra do snr. Albano Bellino que é um magnifico documento para a historia de Braga.

Milliarios do Conventus Bracarangustanus em Portugal. — Reliquias d'epigraphia romana, trasladados dos proprios monumentos por *M. Capella*. Professor no Lyceu de Vianna, socio da Real Academia dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Uma obra de verdadeiro merito é esta cujo titulo acabamos de annunciar. O rev.mo Capella, sacerdote de vasta erudieção e adorno do clero bracarense, consagrou-se com ardor não somente ao estudo das sciencias que tornam o padre habil no desempenho da sua missão de sol da terra e luz do mundo, mas tambem d'aquelles que o illustram e fazem d'elle um sabio respeitado pelos que conhecem o seu merito.

O prestimoso trabalho do illustre professor revela não só estudo aturado mas fina intelligencia

Sem conhecer todas as obras que ha dado a luz, talvez não erre se dissermos que esta o cobre de maior gloria.

Recommendamos aos estudiosos a bella historia de epigraphia romana em Portugal e aos sacerdotes moços validos para o estudo, pela sua intelligencia e boa vontade, o exemplo do seu confrade o Rev. Capella.

A Sciencia do Crucifixo, em forma de meditações, pelo Padre Pedro Maria, S. J., versão portugueza por M. Fonseca. Porto, Antonio Dourado, editor.

Livrinho de muita piedade e uncção religiosa. Encerra mui salutares meditações sobre o Crucificado que o christão deve tomar por modelo em toda a vida, mas sobretudo nos transes dolorosos d'ella.

Compendio de Theologia Moral de Gury, annotado por Ballerini. — Recebemos e muito agradecemos a caderneta n.º 36 d'esta importante obra de Moral.

Segundoo o annuncio que lemos na capa, a Empreza da *Revista Catholica* vae terminar com a abertura da assignatura, em virtude da obra estar a concluir, por isso mais uma vez recommendamos aos nossos leitores que se aproveitem em quanto é tempo, do contrario só a obterão por preço mais elevado.

Um soldado confessor.—Entre os soldados francezes, repatriados de Madagascar, havia um dos que eram gravemente enfermos, em cujas faces lividas se retratava já a figura da morte.

Quando em maca era cuidadosamente levado para o hospital militar, disse de mansinho para os que o carregavam: — «E' inutil ir mais longe! Pousae-me no chão. Vejo que morro.»

Pousaram-n'o em terra e o pobre soldado accrescentou:

«Depressa, um padre!»

Por infelicidade, o capellão acompanhava n'este momento ao cemiterio os corpos de dois militares defunctos.

Não havia tempo a perder, alguns instantes mais e o moribundo seria cadaver.

Correu veloz pelos soldados a noticia do supremo desejo do piedoso militar, e logo se avisinhou do moribundo um seu irmão de armas que lhe disse:

«Meu camarada, eu sou padre, podes confessar-te commigo e dar-te-hei a absolvição.»

E, ajoelhando se, inclinou-se para o moribundo, emquanto as pessoas presentes se desviavam respeitosamente. O enfermo confessou-se, recebeu a absolvição e após breves instantes morreu.

Nos olhos de todos, que testemunharam tão encantador espectaculo, deslisavam ternas lagrimas.

Cumpre notar aqui que as leis iniquas da França obrigam os sacerdotes ao serviço militar.

Victor Hugo e o ensino religioso. — A 15 de janeiro de 1850, Victor Hugo, então no vigor da idade e da intelligencia, pronunciava na Assembleia legislativa, na qualidade de representante de Paris, o seguinte discurso sobre o ensino religioso:

«Longe de mim, diz, querer banir o ensino religioso, julgo o hoje mais necessario do que nunca.

O homem quanto mais cresce, mais deve crêr.

Ha em nossos tempos uma desgraça, direi mais, não ha senão uma só desgraça. E' uma certa tendencia a encerrar tudo no estreito circulo d'esta vida.

Apontando ao homem a vida terrestre, a vida material, como seu termo e fim, aggravam-lhe todas as miserias, pela negação que d'ella é o remate, ajuntasse á oppressão dos infelizes o peso insupportavel do nada; e do soffrimento, que é uma lei de Deus, fazem brotar a desesperação.

D'ahi, profundas convulsões sociaes.

Senhores, sou, sem duvida, d'aquelles que querem, e ninguem o ignora n'este recinto,—sou d'aquelles que querem, não fallo com sinceridade, a palavra é demasiado frouxa, eu quero, com vivo ardor e por todos os meios possiveis, melhorar n'esta vida a sorte material dos que soffrem: mas não esqueço que o primeiro dos melhoramentos é outhorgar-lhes a esperança.

Quantas miserias transitorias, limitadas, finitas desmaiam, quando ahi surge uma esperança infinita!

E' dever de todos, legisladores ou bispos, padres ou escriptores, publicistas ou philosophos, é dever de todos, usar e empregar sob todas as formas, toda a energia social para combater e destruir a miseria, e fazer ao mesmo tempo erguer a cabeça de todos para o ceu.

E' dever nosso dirigir todas as almas e fazer convergir todos os olhares para uma vida ulterior, onde será feita e administrada inteira justiça.

Digamol o bem alto: ninguem soffrerá injusta ou inutilmente.

A morte é uma restituição.

A lei do mundo material é o equilibrio, a lei do mundo moral é a equidade.

Ao cabo de tudo se acha Deus.

Não o esqueçamos e ensinemol-o a todas, não haveria dignidade nenhuma em viver, nem valeria a pena se nosso ser houvesse de morrer todo inteiro.

O que allivia o soffrimento, o que sanctifica o trabalho, o que torna o homem bom, bem procedido, paciente, affavel, justo, humilde e grande, digno da intelligencia e digno da liberdade é ter sempre diante de si a visão d'um mundo melhor, saindo lhe atravez das trevas d'esta vida.

Senhores, quanto a mim, creio profundamente na existencia d'este mundo, e, aqui o confesso, é a suprema certeza de minha razão, como é tambem a suprema consolação de minha alma.

Quero, pois, sinceramente, digo mais, quero ardentemente o ensino religioso, mas o ensino religioso da Igreja.»

Educação sem Deus. — E' facto historico o que vamos narrar:

Um domingo de manhã disse uma senhora a sua creada: — Logo irás á missa das sete.

— Eu em minha casa não ia á missa todos os domingos.

— Sabes tu os mandamentos da lei de Deus e os da S. Madre Igreja?

A creada encolheu os hombros.

— Tens tu uma alma?

Repetiu o mesmo movimento.

— Pobre mulher! trabalhas toda a semana para teu corpo, faz tambem alguma cousa ao domingo para tua alma.

— Minha alma, minha alma, oh! senhora, quando eu morrer, ella que se arranje como puder!...

Esta pobre creada tinha sido educada n'uma escola sem Deus, onde depois de ensinada a despresar os deveres